

Crônicas de escola

[ORGANIZADORES]

ALICE CARVALHO DE OLIVEIRA

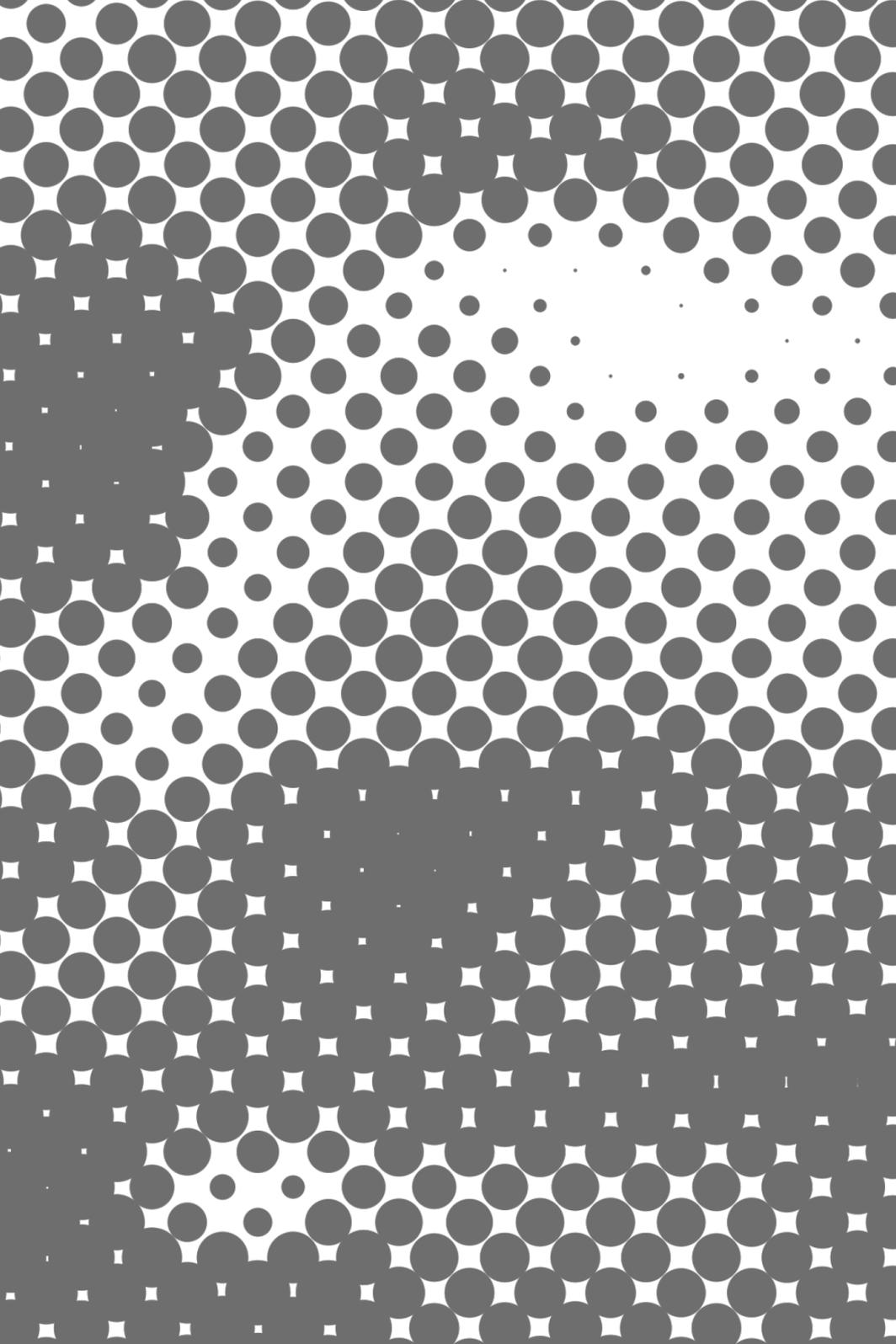
ANA APARECIDA RIBEIRO DE SOUSA

DJANE SALGADO PAVAN MAÇÃO

THAÍS DE SOUZA LOPES SILVEIRA

MARCOS SCHEFFEL

Crônicas de escola



Crônicas de escola

(ORGANIZADORES)

ALICE CARVALHO DE OLIVEIRA

ANA APARECIDA RIBEIRO DE SOUSA

DJANE SALGADO PAVAN MAÇÃO

THAÍS DE SOUZA LOPES SILVEIRA

MARCOS SCHEFFEL

Copyright © Vários autores e Desalinho

EDITOR-CHEFE

Pablo Rodrigues

ORGANIZADORES

Alice Carvalho de Oliveira • Ana Aparecida Ribeiro de Sousa • Djane Salgado Pavan Mação • Thaís de Souza Lopes Silveira • Marcos Scheffel

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Crônicas de escola. / Alice Carvalho de Oliveira, Ana Aparecida Ribeiro de Sousa, Djane Salgado Pavan Mação, Thaís de Souza Lopes Silveira, Marcos Scheffel et al. – São João de Meriti: Desalinho, 2019.

ISBN: 978-85-92789-28-2

1. Crônicas. 2. Educação. 3. Didática. 4. Escola. I. Título.

CDD B869.8

[2019]

Desalinho

Rua Caricó. São João de Meriti, RJ.

Telefone: (21) 994428064

www.desalinhopublicacoes.com.br

www.blogdadesalinho.wordpress.com

desalinhopublicacoes@gmail.com

Sumário

Apresentação 9

MARCOS SCHEFFEL

Tornando-se professor: um caminho de dilemas
e esperanças 14

DIEGO DOMINGUES

PRIMEIRO NUCLEO:
O COTIDIANO ESCOLAR 18

Um dia bacana no estágio 20

ANA APARECIDA RIBEIRO

Os deveres do torcedor e do educador 23

CATARINA DIAS

O casaco na mochila 27

DJANE SALGADO PAVAN MAÇÃO

Primeiro dia de aula 30

MARIA DÁLIA LEÃO SOUSA GONÇALVES

O pátio escolar 32

MARIA ROSILENE DA SILVA

Educação para brasileiro ver 36

MIRIAM JORGE DO NASCIMENTO

Letra bastão, facas e outras armas para lutar
em guerras ideológicas 38

MONIQUE BRAZ

Nunca fui de contar centavos 43

RAQUEL CARDOSO

SEGUNDO NUCLEO:
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR 46

Percalços de uma universitária de Santa Cruz:
diálogos com o Pessimismo, o Cansaço e a
Esperança enquanto o ônibus sacoleja 48

ANDRÉA CRISTINA BORGES

Reflexões sobre o ensino noturno 52

EUDA RODRIGUES

O percurso do curso 56

ARINA MOURA

Diversidade 59

NONATA MARTINS

Vou ser professor 61

FRANCISCA IMACULADA DE SOUSA DE OLIVEIRA

(Co)modismo: o cânone basta? 65

ANNA CAROLINA MONTEIRO

Educação como pretexto 69

ANDERSON ALVES

Sonhos em sala de aula 72

ROBSON RIBEIRO

Primeiro dia na escola 75

TAMIRES BATISTA DE OLIVEIRA

Prova de Português 78

THÁIS SILVEIRA

Curtir é preciso! 81

VAGNER CABRAL

TERCEIRO NUCLEO:
QUESTÕES DE ENSINO 84

(Des)aprendizagem 86

ALICE CARVALHO DE OLIVEIRA

A aluna invisível 90

ANA CLÁUDIA LIMA GUERRERO

Entre aulas 93

PAULA RHAQUEL SILVA SOUZA DA FONSECA

Episódio piloto	97
THALLES CANDAL	
Desculpa, vó!	101
YASMIM CABRAL MEDEIROS	
Tradição x Modernidade	103
BEATRIZ CRISTINA TELLES SANTOS	
O pobre e o intelectual	107
FERNANDO LÚCIO DE OLIVEIRA	
A escola do jornal	109
GRAZIELE SOARES	
Aquele garoto do jornal	113
IZABELLE SAVIGNON DE NADAI	
Lição de Português	117
LETÍCIA ELENA LEMOS	
Souza Lima colorida	120
RODOLFO WILLIAMES	
Contradições na educação	125
LUANA SOARES DE OLIVEIRA	

Apresentação

A crônica é um gênero literário sempre muito presente na escola de educação básica brasileira. Sua presença se dá principalmente nos livros didáticos do ensino fundamental, que dedicam tempo para sua leitura e escrita. A crônica tem ainda relevância como indicação de leitura, bastando lembrar o sucesso da Coleção Para Gostar de Ler, que dedicou especial atenção aos cronistas brasileiros.

Voltando ao livro didático, é interessante perceber como, em várias das coleções aprovadas pelo PNLD, há uma profunda conexão entre a leitura dos gêneros literários e as propostas de escrita desses mesmos gêneros. Lê-se o conto de terror e propõe-se a escrita de contos de terror. Aborda-se o diário íntimo e sugere-se a escrita de diários. Isso também se dá com gêneros não literários: a entrevista, a reportagem, o artigo de opinião, a carta de reclamação etc.

São atividades escritas que pedem ao aluno para assumir um lugar de fala – não se limitando a escrever um texto somente para o professor – e que pensam para quem escrevem, quais seus objetivos comunicativos, onde seu texto será publicado. Tais propostas de produção escrita também estimulam a leitura em sala dos textos autorais dos alunos e estratégias de correção em pares. Valoriza-se o processo da escrita, da reescrita, da revisão, do diálogo entre o escritor e seus leitores em potencial.

Quase todos livros didáticos que trazem tais propostas têm algo em comum: citam *Gêneros orais e escritos na escola*, de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz. Tal obra também dá sustentação para algo que é objeto de avaliação nos livros didáticos: a inclusão de vários gêneros da oralidade e da escrita que devem ser ensinados na escola.

Acredito que o encaminhamento dado por esses livros didáticos é acertado por romper com a redação destinada unicamente ao professor, como assinalava Luiz Percival Leme Britto (2011), em uma crítica feita no início dos anos 1980:

O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota).

Mas agora ficam algumas perguntas: se materiais que são amplamente oferecidos para os professores trazem tais propostas, por que elas ainda estão tão distantes de nossas salas de aula? Por que a produção escrita ainda se limita a um ritual de encomenda pelo professor e entrega pelo aluno de um produto que é pura simulação? Por que um gênero meramente escolar como a dissertação é muitas vezes a única prática escrita vivenciada pelos alunos ao longo de toda uma vida escolar?

As respostas para essas questões são complexas, mas acredito que algumas delas passem pela formação de nossos professores de Português nos cursos de Letras. Assim, é comum que nesses cursos se fale mal dos livros didáticos – sem que coleções sejam analisadas pelos futuros professores. Da mesma forma criticam-se os programas oficiais sem que eles sejam lidos, analisados, contextualizados e relativizados.

Na mesma direção, a discussão curricular e das práticas de ensino das licenciaturas é raramente pensada em sua conexão com o futuro lugar de atuação desses professores em formação: as salas de aula da educação básica. E aí destaco um ponto: continua-se escrevendo na graduação gêneros argumentativos – uma dissertação expandida com temas literários/linguísticos/pedagógicos – que fortalecem a ideia da escrita produzida apenas como uma forma de avaliação. É a continuação da dissertação escolar, mas agora com mais citações pela citação, com regras da ABNT e com o plágio como uma sombra frequente. Promove-se um apagamento da autoria. Ensina-se literatura, mas não se escreve literatura. Reforça-se a ideia de que a literatura é para poucos, para iluminados.

Diante desse quadro e como professor de Didática e Prática de Ensino de Português e Literatura da UFRJ, tenho construído um percurso crítico que enfatiza a relação entre o ensino de leitura e escrita, mas que para ser coerente consigo mesmo requer um processo ativo de apropriação daquilo que se lê. Se não concordo com essa escrita vazia, com esse ritual de encomenda-entrega-avaliação, tenho que propor algo que se

contraponha a isso e que possa ser redimensionado quando eles estiverem atuando na educação básica.

Nos últimos anos, escolhi a crônica como um gênero que poderia servir para uma espécie de oficina de escrita e de conexão entre teorias e práticas possíveis para a escola. Assim, aplicamos em sala procedimentos da sequência didática como a produção inicial com base nos conhecimentos que se têm do gênero, o uso dessa escrita inicial como forma de diagnosticar o que precisa ser aprendido, a relação entre escrita e leitura, a leitura em pares, a reescrita e a entrega de uma versão final. Tudo isso tendo em mente que essas crônicas seriam publicadas em um livro, que neste ano já tinha um título previamente escolhido: *Crônicas de escola*.

O título remete a uma orientação prévia recebida para a escrita destas crônicas: elas deveriam falar de algum aspecto da escola, do ensino de língua/produção textual/literatura na escola. Isso porque o momento da escrita dessas crônicas coincidia com o momento em que estariam estagiando. Trata-se da passagem da condição de alunos para professores mediada pelo estágio curricular obrigatório.

Em termos do gênero, isso possibilitou a exploração de dimensões importantes da crônica: o registro da situação cotidiana, o comentário de uma situação vivenciada, a citação de uma leitura, a lembrança de uma cena vivida como aluno, a sua condição de futuro professor, as eventuais críticas ao curso de licenciatura etc. Neste momento, eles construíram um lugar de fala, assumiram-se como professores/professoras, lembraram

o que os levou a escolherem essa profissão e assumiram um compromisso com a formação de leitores e escritores críticos na escola de educação básica.

MARCOS SCHEFFEL
PROFESSOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRJ

Tornando-se professor: um caminho de dilemas e esperanças

Uma fala comum entre alunos de Letras é que a escolha pelo curso foi, a princípio, por causa do gosto pela escrita e pela leitura literária, ou seja, muitos entram na graduação acreditando que encontrarão um espaço acolhedor e incentivador dessas práticas. Pensando nos cursos de licenciaturas, há também, é claro, os alunos que acreditam que ao final da graduação se tornarão professores completos, detentores de todas os saberes fundamentais e necessários para o exercício da docência.

Entretanto, período após período, semestre após semestre, o tempo vai passando e as convicções e expectativas iniciais muitas vezes dão lugar a frustrações e inseguranças. Também não é incomum ouvir alunos ao final do curso afirmando que a “graduação tirou o prazer da leitura” ou que “a faculdade só forma pesquisadores e não professores”. Nesses momentos, surge a reflexão: o que aconteceu no meio do caminho?

Como este texto pretende ser uma breve apresentação para as crônicas produzidas pelos alunos da turma de Prática de Ensino, não cabe uma extensa reflexão sobre o choque entre expectativa e realidade nos cursos de Letras e licenciaturas, pois qualquer afirmação categórica poderia incorrer apenas na aná-

lise superficial de questões complexas, que envolvem aspectos sociais, econômicos, acadêmicos e profissionais em torno desses cursos. Ainda assim, faz-se necessário uma sucinta reflexão sobre a responsabilidade de um espaço que forma professores diante das demandas da educação básica.

Em outras palavras, e de modo ainda mais claro, não há como uma instituição que forma professores se furtar a discutir a relação e pertinência entre determinados saberes acadêmicos e o cotidiano de uma escola. Não deveria ser possível que futuros professores de Língua Portuguesa e Literatura tenham diversos semestres de aulas de Literatura Brasileira sem sequer um dia dessa disciplina dedicado a pensar sobre a formação de leitores na educação básica ou os caminhos para a seleção de obras literárias de acordo com os anos de escolaridade no qual, em breve, atuarão. Uma consistente base teórica é fundamental e dificilmente alguém dirá que tal saber é secundário na formação de profissionais da educação, mas, insisto, apenas a teoria desvinculada da discussão sobre as práticas pedagógicas é suficiente? Ou, ainda, propor esse vínculo apenas nas “matérias de educação” é o bastante?

A insegurança proveniente dessa falta de relações entre saberes acadêmicos e saberes docentes acaba tendo efeitos muito claros na rotina de jovens professores, como optar por seguir modelos preestabelecidos em apostilas e livros didáticos em vez de assumir a autoria do planejamento de suas aulas, ou seja, professores recém-formados muitas vezes acabam reproduzindo mais a experiência que tiveram como alunos da

educação básica do que a que tiveram no ensino superior. É a busca por uma segurança que, infelizmente, não foi construída ao longo da graduação. Ainda assim, em um cenário formativo aparentemente desanimador, há espaços de respiro, há fissuras nas quais é possível propor outros modos de refletir sobre os saberes mobilizados na graduação. E é justamente nesse ponto que este livro se situa.

Estando os autores destas crônicas na etapa final da graduação, é esperado que uma ampla avaliação pessoal sobre a trajetória percorrida até aqui ocorra, avaliação esta, muitas vezes, envolta em ansiedade. O que fazer com todo esse saber? Que tipo de professor serei? Onde, como e com quem trabalharei? Questionamentos indispensáveis, mas que, ao serem compartilhados e reelaborados na produção de um texto literário, acabam ressignificando dilemas individuais diante da voz e do olhar do próximo.

Para qualquer professor que atravessou este desafiador percurso da formação inicial, em especial para os que, além da intensa rotina de estudos, precisaram também trabalhar durante toda a graduação (como foi meu caso), é muito difícil não se reconhecer em vários dos relatos apresentados pelos alunos. Questões etárias, de gênero, de violência, financeiras, até a diferença entre o curso noturno e diurno são suscitadas pelos autores das crônicas deste livro, em um misto de sensibilidade e criatividade muito singular.

Se por um lado há o reconhecimento das dificuldades impostas – “a Avenida Brasil me faz lembrar o quanto estou

distante de onde quero chegar” –, por outro há a perseverança, o inconformismo e a esperança, já que “quando se entra em sala de aula, é tudo sempre motor de esperança”.

Como professor de escola pública, formado pela mesma universidade dos alunos-cronistas, sinto muito orgulho em ver futuros colegas de profissão com olhares críticos e atentos para a realidade escolar, olhares afetivos, mas não ingênuos, com vontade de fazer diferente, de propor mudanças. Recorrendo a um famoso dizer de Paulo Freire, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Portanto, se, obviamente, não há como saber os futuros caminhos que serão trilhados pelos autores destas crônicas, há, nas reflexões aqui apresentadas, com certeza, um bom ponto de partida. Boa leitura a todos!

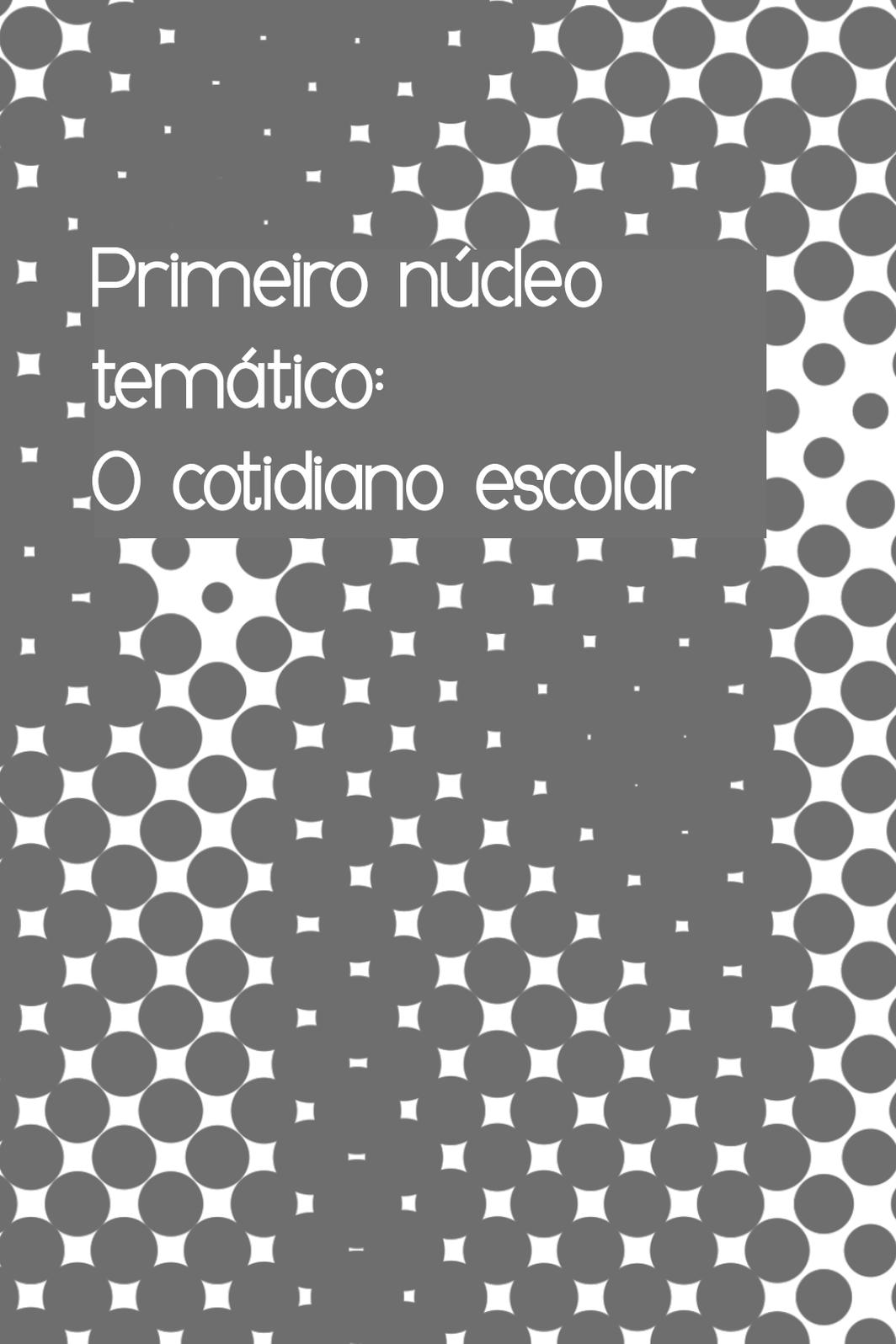
DIEGO DOMINGUES

GRADUADO EM LETRAS (UFRJ), MESTRE EM EDUCAÇÃO (UERJ-FFP)

E DOUTORANDO EM LINGUÍSTICA APLICADA (UFRJ).

ATUALMENTE É PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

NA REDE MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS (RJ).

- 
- Primeiro núcleo
 - temático:
 - O cotidiano escolar

PARA CÚMULO DE GÊNERO HUMANO, VAI ATRAVÉS
DAS VIDRAÇAS DA ESCOLA, NO CLARO AZUL DO CÉU,
POR CIMA DO MORRO DO LIVRAMENTO, UM PAPAGAIO
DE PAPEL, ALTO E LARGO, PRESO DE UMA CORDA
IMENSA, QUE BOJAVA NO AR, UMA COISA SOBERBA.
E EU NA ESCOLA, SENTADO, PERNAS UNIDAS, COM O
LIVRO DE LEITURA. E A GRAMÁTICA NOS JOELHOS.

MACHADO DE ASSIS

Um dia bacana no estúdio

ANA APARECIDA RIBEIRO

Após aplicar a prova, enquanto um grupo de alunos permaneciam deitados no palco do auditório da escola (ainda no local da prova), resolvi puxar uma conversa sobre o texto da prova (*O alienista*) e o que eles achavam das leituras não indicadas pela escola, o que incluiria gostos pessoais sobre filmes, canções, livros de gêneros diversos.

Ao interrogá-los sobre o gosto pela leitura e o que achavam dos livros obrigatórios do currículo escolar, uma das alunas fez uma cara estranha e respondeu:

– Acho tudo muito chato, insuportável! – acrescentando que a escola tinha que oferecer livros atuais, recentes, que são bem mais interessantes.

Solicitei um exemplo de um livro que ela considerasse atual e legal. Ela citou um livro do escritor norte-americano John Green, traduzido com o título *A culpa é das estrelas*. Disse que já tinha lido mais de sete vezes e ainda leria mais, que eu tinha que ler, porque valia muito a pena, que eu não iria me arrepender. Ao que o colega do lado indagou:

– Tipo, não seria mais fácil falar pra ela assistir o filme, que dura somente duas horas?

– Nãoooooo, claro que não, eu nem gostei do jeito como eles fizeram esse filme. Muito mais interessante ler o livro.

Em seguida, descreveu todas as suas experiências com a leitura, chamando atenção para o fato de ter encharcado o livro de tanto que ela chorou. Intercalando a conversa com outra colega, explicou como ela vai criando a história junto com o autor.

– Cara, eu desenho cada cenário, a roupa... Sério, as coisas que ele escreve eu desenho direitinho, cada passo dos personagens, só falta desenhar os pensamentos.

A colega completou:

– Caraca, isso acontece muito comigo, quando eu estou lendo, eu crio tudo na minha cabeça. É muito irado mesmo.

– Sério, professora, é muito bom, muito bom mesmo! Você tem que ler!

Eu fiquei só ouvindo, mas chegou uma hora que eu achei que deveria falar das diferenças de propostas, das possibilidades de um filme, música, que um formato não poderia substituir o outro, respondendo ao que o colega tinha falado anteriormente. São mecanismos diferentes, cada um com suas especificidades. Cada um ao seu modo vai oferecer uma experiência completamente diferente.

A aluna dizia tudo sobre o livro, mas não só, me apresentou informações sobre o autor e outras curiosidades. Nesse bate-papo ela se descobriu a maior fã de John Green, quando começou a enumerar os demais livros que havia lido do autor:

Quem é você, Alasca?, Cidades de papel e Tartarugas até lá embaixo.

– Só agora me dei conta do quanto eu amooo John Green.

Sugeri que elas escrevessem uma resenha sobre *A culpa é das estrelas*, suas experiências com a leitura, os pontos positivos e negativos. Tudo aquilo que me falaram sobre o livro. Elas disseram que já tinham feito isso na aula de inglês. Acrescentei que a resenha talvez fosse uma maneira de elas se experimentarem como escritoras. Elas riram. Ao que eu completei:

– Vocês falam de um jeito tão legal que eu só consigo imaginar vocês escrevendo suas próprias histórias no futuro.

– Isso é porque você não viu como são nossas redações! Cada vez que a professora pede para refazê-las, elas voltam piores! (Risos).

Ah, a ditadura da dissertação! A ditadura dos autores clássicos! Como nos equivocamos quando repetimos que os jovens de hoje não se interessam pela leitura, não gostam de livros, não gostam de escrever.

Vale dizer que os livros de John Green são direcionados a um público bem jovem, que está frequentando o ensino médio. É o caso dos jovens em questão, que nasceram em meados de 2000/2001 (fazem parte da chamada geração 2000).

Os deveres do torcedor e do educador

CATARINA DIAS

Bem, não pretendo estabelecer qualquer comparação, mas é de se admirar como em alguns espaços é quase proibida uma posição de neutralidade ou imparcialidade e em outros é mais do que bem-vinda essa tal da isenção. Por exemplo, pra falar da primeira situação, em algumas ocasiões não se pode ficar entre o A e o C, ou entre o 8 e o 80. Ou você é ou não é, e às vezes tem até casos em que se é os dois ou não se é nenhum dos dois de uma vez, como nos lembra Nelson Rodrigues, naquela história da grã-fina das narinas de cadáver. Pra quem não lembra, Nelson narra a história de mais um formidável Fla-Flu, e foi Mário Filho que criou o diminutivo fascinante: Fla-Flu. Nelson defende a bandeira de que diante do formidável clássico não há neutros, não há indiferentes. Há sujeitos que não gostam do Fluminense, não gostam do Flamengo, mas estão lá. Nisso ele descreve um desses que, em um dos Fla-Flus, encontrava-se estrebuchante, quase babando na gravata.

– Oh rapaz! Você não é Flamengo, não é Fluminense. Está torcendo pra quem?

Arquejou:

– Torço contra os dois.

Mas torcia, o desgraçado...

Agora, pra falar da segunda situação, a sala de aula é um bom exemplo pra ilustrar como é louvada a tal da neutralidade. O que em primeiro momento pode soar estranho, já que como um professor pode ser neutro em sala de aula? Como um investigador pode ser neutro em suas pesquisas? Mas é isso, sem muito mistério. Existe muita gente por aí defendendo de forma messiânica a tal da neutralidade e a religião da imparcialidade. Dentro da sala de aula, fora dela (não se pode esquecer dos pais, ah, os pais...). Enquanto em algumas dimensões da vida cultural e social regula uma crença totalmente apaixonada, e isso é aceito sem muitos problemas, em outras existe muita resistência. Como disse, não pretendo me estender no exercício de comparação aqui, até porque independente dos meus esforços a comparação no final será injusta.

Mas tudo isso foi provocado por um episódio por que passou o menino Marcos, menino humilde, que morava ali na Penha. Essa história foi a tia dele que contou lá no bairro. Com 22 anos, foi o primeiro da família a entrar pra universidade. Com muito esforço, começou a fazer o curso de Letras, mas ele não se via fazendo aquilo mais pro futuro. Achava tudo muito confuso. Era um menino inteligente, claro, mas muito pragmático, achava que tudo era preto no branco. Mudou de curso. Foi fazer Geografia. Já pra terminar a faculdade, cheio de orgulho pra dar pra família, Marcos tinha que dar uma aula em uma escola onde estava estagiando. Como era uma aula decisiva, que

ia ser avaliada, era melhor escolher um tema que não desse muito pano pra manga, assim ele podia falar mais, pensou. Escolheu um tema: população brasileira. Dizer quantos brancos, quantos pretos, quanto amarelos, quantos rosa. Tinha tudo pra não ser polêmico. Era só executar o plano e acabou. Melhor assim: passar um papel de neutralidade ética, que por consequência implica a ideia de uma responsabilidade intelectual.

Começou a aula. Tudo indo muito bem, conforme o planejado. Na hora de abordar a quantidade da população negra, houve um espanto. Era uma escola de classe média, e houve um susto: como a população negra é mais de 50% da população brasileira e naquela sala só havia uma aluna negra?

Nisso, começou o caos. Juliana, a aluna negra, desabafa, dizendo que os únicos negros do prédio além dela eram os faxineiros e os funcionários da cantina. Ainda disse que, na semana anterior, tinha sofrido uma ofensa racista de um aluno da turma. Não citou nomes. Emocionada, saiu de sala chorando.

Marcos, sem saber muito o que fazer, continuou a aula, insistindo nessa questão. Nesse momento ficou em dúvida se a aula ia bem ou mal. Resolveu comentar que, embora a população negra no Brasil seja a maioria, a educação de qualidade é um privilégio de poucos, e na maior parte dos casos, dos brancos. Alguns alunos concordaram, sem nem terem ideia do que estava acontecendo...

Acabou que a aula não acabou. O entusiasmo foi tamanho que não deu tempo pra pôr em prática o planejamento. Juliana acabou expondo pra turma quem tinha cometido o ato

racista, o Luiz, e por fim, uns justiceiros quiseram pegar o garoto na porrada.

Não que eu seja a maior fã de moral da história, mas se tem uma lição que se pode tirar é que quando prevalece um certo ecletismo, o cidadão fica de um lado e o professor fica de outro. Entretanto, fundir as duas coisas deixa tudo mais interessante.

O casaco na mochila

DJANE SALGADO PAVAN MAÇÃO

Em uma manhã do ano de 1983, acordei um pouco mais cedo do que o normal. Era o primeiro dia de aula na escola longe de casa e, para chegar, precisaria pegar um ônibus. Que felicidade! Aquele blusão branco escolar com cheiro de novo e a saia diferente da usada até então me alçavam a um estágio acima do que sempre estive. Agora estava no Ginásio, lugar onde se encontravam as moças e rapazes mais velhos da redondeza. A mãe ajudava a colocar a meia, último item que dava largada ao primeiro passo para o resto de sua vida.

O colégio era enorme, imponente, com corredores compridos, daqueles que serviam para uma perfeita competição de patins. Me sentia perdida frente a tantas novidades, assim, de uma hora para outra. O primeiro dia foi muito bagunçado, moças, rapazes, mães e pais andavam sem destino certo, o que aumentava meu medo e ansiedade. Apesar de tudo, estava feliz. Levei um susto ao toque estridente do sinal, barulho parecido ao da casa da velha Geralda, a rabugenta autoritária do terceiro andar do meu prédio. Empurrões, cotoveladas... girei umas quatro vezes até acertar o portão azul enorme com que me deparei.

Conheci muita gente. Só na minha turma eram trinta e três alunos. Era engraçado o movimento das pessoas entrando nas salas. Estavam tão animados que achavam possível entrar todos de uma vez só pela porta estreita. Na hora da merenda, havia a competição pra chegar à fila primeiro. Não entendia pra que tanta correria, se tinha comida pra todos... O ambiente era limpo, acolhedor. O que eu achava estranho mesmo era o cheiro da roupa de alguns professores. Eles cheiravam a naftalina pura. Ficava pensando na possibilidade de usarem um outro tipo de perfume, ou pararem mesmo de colocar as tais bolinhas brancas na gaveta.

A rainha da naftalina era a professora Creuza, que além de abusar das bolinhas, não gostava de alunos abusados. Ela era muito, muito, muito rígida, e desde as primeiras aulas fazia perguntas aos alunos. E eles tinham que responder de pé, ao lado da mesa. A professora era totalmente dura. Cintura dura, pescoço duro, até sua boca era dura. Seu cabelo era emplastado de gumex, para que nenhum fio saísse do lugar. Todos os dias ela ia de coque, como as bailarinas, mas as bailarinas eram doces, como ela nunca foi. Quando olhava pra professora Creuza eu sempre me lembrava de Dona Felícia do 203, esposa do falecido Deodoro.

Quando a professora chamava alguém pra se colocar ao lado da mesa, eu me tremia toda, porque se tinha alguém pra fazer a gente molhar as calças de medo, essa pessoa era a professora Creuza.

Ao perguntar se alguém sabia quantos e quais eram os pronomes pessoais do caso reto, um silêncio se fez. Eu não sei por que, mas senti uma enorme vontade de responder àquela pergunta, afinal, sempre tirei boas notas, e acertaria sem pestanejar.

– Seis!

Todos se voltaram pra professora pra ver se a menina corajosa tinha razão.

A professora soltou uma gargalhada medonha e, pela primeira vez, remexeu todo o seu corpo, e abriu tanto a sua boca que todos conseguiram ver a sua glote vermelha e irritada.

– Seis??? Está errado!!

Muito rapidamente correu para o quadro negro, onde o pó do giz caía como neve a provar o porquê da condenação.

Audição conturbada, visão periférica condenada. Com a queda do pó, tive a sensação de estar no Polo Norte, pelo frio que senti e pela vergonha que aquela professora me fez passar. Nunca mais respondi nada, e sempre levava um agasalho na mochila, para o caso de o tempo mudar.

Primeiro dia de aula

MARIA DÁLIA LEÃO SOUSA GONÇALVES

Lembro-me, como se fosse ontem, dos meus primeiros dias de aula. A estreia na escola, no jardim de infância, foi uma agonia só: rostos desconhecidos, crianças maiores, o medo, a saudade da mãe... Devo confessar que o primeiro dos primeiros dias que teria ao longo de minha vida escolar realmente não foi dos melhores.

A partir da classe de alfabetização, o sentimento de agonia e medo foram dando lugar ao friozinho na barriga, à ansiedade de conhecer a professora, fazer amigos, aprender coisas novas. O fatídico primeiro dia, a essa altura, era esperado e não mais temido. As férias tornaram-se longas e enfadonhas perto da alegria de voltar àquele lugar.

A coisa seguiu assim por bastante tempo, até o dia em que chegaram os temíveis primeiros dias do ensino médio. Sairia da escola em que estudara durante todo o ensino fundamental para outra, mais longe de casa, onde não conhecia ninguém e não poderia mais chamar as professoras de tia.

Passados três anos, o ensino médio chegou ao fim e, junto com ele, todas as pressões e incertezas que o acompanharam. Entrei para a faculdade. A lembrança desse primeiro dia tem um gosto especial, de alívio e contentamento. A sensação era a

de estar apaixonada, “borboletas no estômago” e grandes esperanças para o futuro que havia escolhido, o das Letras. Me senti novamente aquela criança da classe de alfabetização que aprendeu a ler. Talvez tenha florido daí a minha inspiração, da alegria de ter descoberto o mundo das palavras e dos significados.

Aqui, agora, em casa deitada na minha cama enquanto escrevo esta crônica, penso no primeiro dia em que os papéis se inverterão, de aluna a professora, e em quantas surpresas e aprendizados viverei com meus alunos no lugar que sempre foi minha segunda casa: a sala de aula. E suspiro, esperançosa.

O pátio escolar

MARIA ROSILENE DA SILVA

Pensei que o pátio da escola era algo muito insignificante, mas não é bem assim, percebi a sua importância quando me deparei com ele durante o estágio. Eu olhando para ele, parecia um pátio sombrio, sem vida. Interrompi meus pensamentos para falar com uma inspetora, que me recebia com um sorriso encantador e me cedia a sua cadeira no corredor para que esperasse a professora.

- Bom dia! Seja bem-vinda, pode se sentar aqui e esperar a professora.

Agradei com um sorriso, sentei na cadeira do corredor do pátio e olhei no celular... ainda é cedo. Retornei às minhas lembranças. O pátio agora parecia mais extenso e vazio. Sei que a escola não é a mesma em que eu estudei na infância, mas o pátio era igual, a mesma extensão. E me veio a pergunta: Será que as conversas dos alunos, as brincadeiras continuam as mesmas, ou tudo é mais sério? A resposta veio de imediato, quando uma multidão de alunos passava por aquele pátio, sorrisos e abraços entre amigos e colegas. Professores se cumprimentavam e sorrisos se espalhavam entre eles. As conversas aleatórias tornavam aquele pátio mais aconchegante. E durante a semana fui percebendo que o pátio não era tão insignificante.

As cenas que eu observava dos alunos no pátio eram iguais às do meu período escolar. Mas tinha algo mais a deixar ali, demorei a perceber o que era, foi necessário fazer um exame de consciência entre mim e o pátio. Ele demorou a perceber que eu já não era a mesma pessoa, tinha novidades para deixar registradas naquele pátio, mas não sabia por onde começar.

Sigo observando que o pátio tinha mais vida no recreio e principalmente quando a inspetora não se encontrava no seu posto. Os alunos aproveitavam para pedir à professora para ir ao banheiro, mas acabavam era passeando no pátio. E isso não era somente com as meninas, já que os meninos faziam também a mesma coisa. Quando percebi que os passeios do pátio aumentavam ainda mais durante a aula, me veio uma curiosidade de saber o que levava a tantos passeios, já que também os professores passeavam por ali. Disfarçadamente fui até a porta da sala enquanto uma aluna de outra sala passeava no pátio, e quando uma delas retornou à sala eu a chamei e perguntei:

- Ei! Poderia me responder uma pergunta?

- Sim, tia, pode falar.

- Por que você e as outras meninas gostam tanto de andar por este pátio?

Ela riu. Percebendo que a inspetora estava retornando ao seu posto, me respondeu com pressa:

- Bem, eu gosto de passear no pátio para observar as minhas amigas que estão em outras salas. E saber se o próximo professor está dando aula na outra turma.

E observei que no recreio é quando as amigas separadas se juntam para conversar e rir juntas ali mesmo, no pátio. Alguns alunos sentam nesse mesmo pátio, que antes era assustador, para lerem em roda. Já as professoras comentam sobre assuntos aleatórios, como as fofocas, aulas demoradas que ocupam muito tempo, professores que se esquecem de apagar o quadro, entre outros assuntos.

É no pátio que os comentários permanecem. Ali, guardados como se fizessem parte de um diário particular. É ele quem fica ciente de vários assuntos. Por isso decidi participar também das conversas.

Mas por ocasião do destino, a pedido da professora, precisei ir até a direção, e para isso tinha que atravessar aquele extenso corredor que leva até o pátio. Minhas pernas pareciam tremer de ansiosa que fiquei. As salas em volta do pátio ficavam abertas, e dava para ouvir e ver os alunos de outras turmas. O pátio tinha vida, era composto por cada membro que estava ali em cada sala de aula, entre leituras, risos e explicações dos professores. Sem eles o pátio se torna um nada, vazio e sombrio. Meus passos foram diminuindo a cada sala que eu passava, olhava de curiosidade mesmo, tímida, com uns e outros olhares que me acompanhava. Percebi que a sensação era diferente daquela da aluna que eu havia perguntado sobre os passeios que ela dava no pátio. Talvez porque os pensamentos dela não fossem iguais aos meus, já que ela pensava nas amigas, e minhas amigas já não estavam mais ali, pois o meu tempo de

estudante já tinha terminado, eu estava como estagiária, observando e aprendendo com eles.

Eis que em retorno à sala, enquanto ainda estava no pátio, sem querer ouço um comentário:

– Sabia que a professora J... vai fazer uma apresentação no dia do aniversário da escola?

– Eu ouvi falar, mas parece que tem professores que não querem participar.

Fui parada ali no meio do pátio por essas duas pessoas. Me perguntei se eu também participaria de uma conversa que ficaria ali gravada naquele pátio.

– Estagiária, você sabe nos dizer se a professora que está te acompanhando vai participar do evento?

– Ah! – suspirei. Imaginei uma conversa longa, com algum conteúdo mais elaborado. Teria orgulho de deixar naquele pátio uma linda e bonita conversa, mas fiquei desapontada. A minha resposta foi direta e curta: – Não sei.

Saí de lá com uma certeza: o pátio estaria rindo de mim.

Educação para brasileiro ver

MIRIAM JORGE DO NASCIMENTO

Ela estava, pela segunda vez, no ponto de ônibus. Nesse dia, como no primeiro, chegou cedo. A diferença era que a fila estava um pouco maior e se formava do outro lado da rua, onde havia sombra. O que seria melhor: formar a fila no ponto, exposta ao sol, ou atravessar a rua, perguntar quem era o último e respeitar as pessoas que chegaram ainda mais cedo que ela? A estudante escolheu a segunda opção. Mas... será que todos fariam o mesmo? Ana sabia que não.

Como pressentiu, o que era óbvio aconteceu: um grupo se formou no ponto de ônibus, indiferente ao aglomerado de pessoas à sombra. A confusão estava armada: nossa amiga liga para o escritório da empresa, alguns saíram da sombra para discutirem com os que estavam ao sol, e outros ficaram em seus lugares debatendo entre si.

Foi pedido, então, que aquelas pessoas saíssem do sol e que considerassem as pessoas que ali estavam há uma hora e meia. O interessante é que, entre eles, havia pessoas muito bem escolarizadas e que, por certo, ficavam nos corredores de suas

universidades levantando bandeiras, por exemplo, sobre os direitos dos indivíduos.

No entanto, estavam ali, longe da faculdade não conta. Melhor é tirar proveito e garantir um bom lugar dentro do coletivo, independentemente de que, para isso, eu precise ignorar o meu próximo. Chegando ao meu destino me visto novamente com a capa da educação e pronto.

Quando o veículo chegou foi aquela bagunça, e ninguém respeitou ninguém. Todos, inclusive nossa personagem, com o pretexto de estar lutando pelos seus direitos, desrespeitaram uns aos outros. Empurra pra lá, empurra pra cá, e o transporte se foi, lotado, com pessoas saindo pelo ladrão. Cada um aconchegado ao “seu lugar”.

“Que país é esse?” Pergunta o cantor, que ressalta: “Mas todos acreditam no futuro da nação”. Nação esta em que “Ninguém respeita a Constituição”. O “futuro”, porém, constrói-se no presente. As escolas e universidades propõem-se a intervir nesta construção. Portanto, para que se cobre respeito em relação a qualquer coisa, faz-se necessária uma verdadeira mudança de mentalidade.

Letra bastão, facas e outras armas para lutar em guerras ideológicas

MONIQUE BRAZ

Era 14 de agosto de 2017, participei do meu primeiro embate entre professores e alunos. Apesar de ser apenas estagiária de Português, acabei entrando em um fogo cruzado, ao ser identificada por um aluno como parte das forças rivais. Estava na sala dos professores esperando minha orientadora terminar a aula para conversar sobre o estágio. Neste tempo, entra outra professora com um aluno e pergunta se poderia conversar com ele naquela sala, digo que sim. Acredito que, por não estar uniformizada e em território inimigo, o aluno me classificou imediatamente como um de seus adversários, uma integrante do corpo docente da escola.

A situação era a seguinte: o aluno tinha escrito uma redação para participar de um concurso do Sinepe. Era uma boa redação, mas ele escreveu em letra de forma e ilegível. A professora queria que ele reescrevesse a redação em letra cursiva

e com mais cuidado para a leitura ficar mais clara. O aluno se recusava a reescrever, pois, em suas palavras, isso era uma violação do seu direito de criação.

O tema da redação era o papel da juventude na corrupção do Brasil. Soube disso porque o garoto iniciou um discurso sobre como o governo é hipócrita, já que enquanto os governantes violam a lei, temos que seguir as regras mais absurdas. Seu modo de escrita deveria ser mantido no papel para lutar contra este sistema opressor criado pelos engravatados. Para se explicar, a professora disse que alguns editais para concursos exigem essa formatação, portanto, seria necessário começar a se habituar com essas exigências. O aluno resistiu aos argumentos e provocou sua oponente, dizendo que ela se rendeu ao sistema por insistir que ele se encaixe em regras inúteis.

A professora insistiu com o aluno para que ele reescrevesse a redação, tentou convencê-lo de que não teria chances de ganhar o concurso se a banca não compreendesse o que estava escrito. Também disse que já tinha participado como examinadora de concursos e sabia como os professores avaliam as redações.

O aluno resistiu para deixar sua arte no papel. Isso deixou de ser uma discussão entre professora e aluno. O jovem combatente entende sua escrita como um símbolo da luta da juventude contra os corruptos do ensino. Insistiu em não mudar nada em seu texto, nos chamava de vendidas e desertoras da luta pela cidadania.

A professora percebeu que argumentar na posição de docente não funcionaria, então mudou de tática e tentou uma aproximação cautelosa, como conselheira. Disse que certas vezes temos que nos adequar às situações da vida, e que se quisesse tentar concursos públicos não poderia fazer o que quisesse na redação. A professora, cansada, perseverou na luta, afirmou que a insistência foi para ajudar o futuro profissional e acadêmico do aluno. Encerrou sua investida pedindo ao aluno que ele pegasse o material e terminasse com aquilo de uma vez.

Nesse momento nosso tenaz combatente percebeu que estava encurralado, mas não se entregou sem permanecer firme aos seus ideais. Em uma última tentativa de contornar a situação, disse que se sua redação fosse boa com certeza seria aprovada, e se não fosse por causa da sua letra recorreria judicialmente da decisão. Além disso, afirmou que a maneira como escreve não causaria problemas para sua vida acadêmica ou pessoal. Finalizou dizendo que não havia trazido nenhum material para a escola.

A professora saiu da sala para buscar uma caneta para o aluno e me pediu para ficar com ele enquanto isso. Com a saída da professora o aluno redirecionou suas indignações para mim, e me vi em uma *Blitzkrieg*. Nossa conversa-guerra-relâmpago foi esclarecedora sobre a revolta do aluno.

- Vocês são todas iguais, desistiram de lutar pela sociedade para trabalhar com o sistema.

- Ela só está preocupada, se a sua letra não for legível eles podem desconsiderar o que você escreveu.

- Você também é professora?

- Sou estagiária de Português.

- Então você também desistiu e se entregou para o sistema.

- Olha, geralmente os concursos têm muitos candidatos e poucas vagas disponíveis. A professora está insistindo porque conhece essas avaliações e quer te ajudar.

- Mas eu não quero participar do concurso, eles me escolheram porque sou bom em redação.

Ficamos em silêncio, não sei se o aluno percebeu que conseguiu me recrutar para a causa. Compreendi que a indignação dele poderia ser pela seguinte ideia: eu fui um bom aluno e por isso me deram um trabalho extra que não me interessa, e pelo qual não serei recompensado de nenhuma maneira. Portanto, estou sendo punido por estudar e me dedicar.

Depois de algum tempo a professora entrou com o material e insistiu mais uma vez. O aluno cedeu ao sistema e decidiu cumprir as ordens, mas sua letra saiu tremida. Disse que não sabia escrever com letra cursiva porque fazia muito tempo que não escrevia dessa forma, penso que talvez o desgaste emocional desta batalha tenha influência sobre sua caligrafia. Nesse momento chegou a professora que eu esperava, saí da sala antes da conclusão da pequena guerra civil. Soube mais tarde que o aluno entregou a redação a tempo de participar do concurso.

O texto dissertativo se mostrou um campo de batalha cruel para as ideias do aluno, espero que o jovem se recupere das feridas desta guerra e que consiga conquistar seus objetivos em outras terras textuais. Acredito que essa conquista não será fácil, mas existem outros caminhos que podem trazer uma convivência mais harmônica entre alunos, professores e ambiente escolar.

Para que suas ideias consigam ser libertas nestes campos, também será necessário encontrar ferramentas adequadas, como atividades que façam sentido para o aluno, para que a utilização dos espaços literários seja uma experiência construtiva, território de disputas entre instituição de ensino e aluno.

Nunca fui de contar centavos

RAQUEL CARDOSO

Deu-se que mais um ano letivo estava prestes a começar e, como se não bastasse dar aula em três escolas, aceitei mais uma “oportunidade” de emprego. Porém, dessa vez, para além de todas as novidades que andam entrelaçadas com a atividade que exerço, descobri, também, que pelo meado do ano serei pai. Ah, eu sou professor de Língua Portuguesa. E meu novo emprego é no Complexo da Maré.

Agora, imagine você, sou nascido e criado em Copacabana, sempre quis ser professor para que eu pudesse, de alguma maneira, mudar a realidade de crianças e jovens, para que eles tivessem as oportunidades que eu tive. Mas lembrem, sou de Copacabana, classe média alta, pensar que eles teriam as mesmas oportunidades é, no mínimo, idiotice. Sendo assim, na primeira vez que pisei naquela sala de aula na Maré, tudo o que tinha como concepção de escola se desmoronou. A realidade é dura e foi um soco no estômago nesse *playboy* da Zona Sul que vos fala.

Os meninos iam pra escola pensando, exclusivamente, na merenda. Não era por mal, muitos não tinham comida em casa.

Como eu vou ensinar orações, crase e concordância, enquanto os meninos estão com fome? Nunca fui de contar centavos para comprar o lanche na hora do recreio. Aqui, qualquer moeda pode mudar o dia de uma criança. Outro dia, o Roberto da 801– famoso Betinho – chegou perto da minha mesa ao final da aula e, cheio de vergonha, perguntou:

– Fessor, tem cinquenta centavos aí pra inteirar num salgado?

Fiquei indignado com essa situação, e parece que só eu ligava para aquelas crianças, na mínima sala dos professores ninguém se olhava – todos absortos em outro mundo. Lembrei que eu, quando tinha a idade deles, andava pelas ruas de Copacabana tranquilamente e com o troco, bem gordo, do jornal que papai comprava todas as manhãs. O Rio de Janeiro Além-Túnel é outro.

Mês passado teve guerra entre favelas no Complexo da Maré, a lógica da sala mudou de cabeça para baixo – a escola fica na divisão entre as duas favelas rivais, ou seja, fogo cruzado. Os meninos que são metidos a valentões rapidamente tornaram-se o que de fato são: crianças. Todo dia era um desafio, mais pra eles do que pra mim. Mesmo assim, resistimos. Além disso, insistimos.

Um dia desses, Betinho disse:

– Pô, fessor, que língua nós tamo falando?

Eu ri e respondi:

– Português, ué.

E ele, de maneira genial, disse:

- Pois é, então, pra que aprender oração se a gente já fala português?

O Beto nem sabe, mas abriu uma discussão que a gente tem lá na UFRJ, nos grupos de estudo da linguagem.

Esses jovens vão muito além do que nossa perspectiva fechada moldada pela mídia. Eles só precisam ser vistos, ouvidos e incentivados. Ah, claro, e terem comida na mesa pra, então, poderem discutir aspectos da linguagem.

Depois de seis meses na Maré, tudo dentro de mim mudou. Não dá pra seguir sem entender o que acontece bem do nosso lado, onde tem barreiras de plástico na Linha Vermelha pra “limpar” a visão de quem passa. A Maré é um mundo. Quando entro em sala lá, é tudo sempre motor de esperança.

Tenho menos medo de ser pai depois dessas crianças.

A coisa mais importante de todas que eu aprendi ali foi: eles já falam português. E resistem.

- Segundo núcleo
- temático:
- 'A formação do professor'

QUALQUER UM QUE TIVESSE SIDO SEU TRABALHO ANTERIOR, ELE O ABANDONARA, MUDARA DE PROFISSÃO, E PASSARA PESADAMENTE A ENSINAR NO CURSO PRIMÁRIO: ERA TUDO O QUE SABÍAMOS DELE.

CLARICE LISPECTOR

Percalços de uma universitária de Santa Cruz: diálogos com o Pessimismo, o Cansaço e a Esperança enquanto o ônibus sacoleja

ANDRÉA CRISTINA BORGES

Vida difícil essa de estudante trabalhador. Todos os dias quando acordo, eles já se apresentam ao pé da cama: o Pessimismo, o Cansaço e a Esperança. Para uma vida cheia de desafios, o primeiro deles é conseguir levantar da cama.

– Isso porque é uma preguiçosa!

– Não é nada disso... Entenda, por favor! Não quero te convencer de quem sou eu, só quero que conheça minha histó-

ria. Essa que vos fala é moradora de Santa Cruz... Isso mesmo! Um lugarzinho onde Judas perdeu a tal da bota.

– Problema é seu! Por que foi escolher uma faculdade tão distante?! Quer ficar se gabando, né... Quer ter um diploma da Federal do Rio de Janeiro pra colocar na moldura e pendurar na parede.

– Isso é um sonho mesmo. Um sonho muito distante, assim como é a saudosa São Luís, uma ilha no Nordeste do Brasil, a cidade onde nasci... Lembro que lá, ainda na minha infância, tive uma professora que me fez sonhar com o universo das letras, ela falava bonito e bem explicadinho. Queria ser assim também. Passei a ler o *Aurélio* pra começar a falar pra pouca gente entender!

– Isso aí, menina. Um dia você chega lá!

– Ao meu ver o seu esforço é inútil. Você já tem idade, e muita gente lá tem a metade da tua e vive só para os livros.

– Quanto a isso o Pessimismo tem razão, o tempo não está a meu favor.

O ônibus finalmente chega... Droga! Passou direto. Estava lotado.

Difícil chegar à conclusão de que o Cansaço às vezes tem razão. Pra que insistir, talvez um curso técnico fosse mais viável.

– Vamos parar com esse pensamento! Lembra que sua mãe sempre dizia que, de todos os filhos, você era a mais inteligente?

– Verdade. Aprendi a ler bem cedinho, a letra bonita igual a da professora, todo mundo sempre elogiava. O caderno

sempre organizado, no boletim sempre B ou MB... Saudade dessa época, hoje é bem diferente.

– Faculdade não é pra quem quer, é pra quem pode! Acor-da pra vida, mulher! A sintaxe não se faz entender pra todos.

– Uma hora eu aprendo, *you vai ver*. Mais difícil é esse trânsito que não anda, todos os dias a Avenida Brasil me faz lembrar o quanto estou distante de onde quero chegar!

– Tranca logo! Tudo isso é perda de tempo. A vida já é difícil, dificulta ainda mais aquele que sonha.

– Não posso te dar ouvidos agora. Vou aproveitar esse tempinho pra colocar minha leitura em dia, com o ônibus lento assim não dá vertigem.

No meio da leitura o Cansaço se aproxima. Os olhos se fecham. Cochilei. Passei do ponto.

– Hoje, infelizmente, mesmo com todo esforço, não dá mais tempo de chegar. Mas amanhã eu tento de novo.

O Cansaço e o Pessimismo me levam de volta pra casa, tagarelando na minha cabeça, no decorrer dessa longa viagem. Me convencem de que lutar contra as probabilidades é tarefa para poucos.

Chego. Deito. Durmo. Volto a sonhar.

E a Esperança, que estava perdida, volto a encontrar. Ela se renova a cada manhã.

No dia seguinte, após uma longa rotina de trabalho, con-sigo ir à faculdade.

Nesse lugar o saber tem o poder de preencher as lacunas vazias, porém as letras têm o poder de reescrever velhas histórias e mudar trajetórias daqueles que creem.

Reflexões sobre o ensino noturno

EUDA RODRIGUES

Estudar ou atuar como professor no período noturno das escolas de rede pública é bem desgastante. Há professores que, por um lado, acham bom, porque a carga horária é menor em relação ao diurno. No entanto, alguns consideram que trabalhar à noite emburrece. Conversando com alguns profissionais que atuam à noite, pude ouvir que os alunos do noturno não são tão espertos e, por isso, não promovem o crescimento do professor. Para eles, os alunos que estudam durante o dia são mais empenhados, mais espertos, enfim, adjetivos que os alunos do curso noturno não têm. Alguns docentes afirmam que os alunos são fracos, não sabem escrever... Alguns professores também são desanimados, pois não se sentem valorizados pelo governo, pelos alunos, enfim.

O aluno, por sua vez, tem que estudar à noite, mesmo tendo trabalhado o dia inteiro. Geralmente são trabalhadores do comércio, militares, autônomos etc. São jovens e adultos que sofrem com a tamanha injustiça social que impera em nosso país. As dificuldades que esses jovens e adultos enfrentam são muitas: além do trabalho, alguns já têm filhos, uma vez que eles

não tiveram a oportunidade de estudar na idade certa e estão tendo agora, já adultos, a chance de estudar e concluir os seus estudos básicos para que, pelo menos, consigam uma melhor colocação no mercado de trabalho. Dá para constatar que a frequência é baixa, justamente pelas dificuldades que enfrentam no dia a dia. Muitos faltam simplesmente pelo desânimo de ir a uma aula que a maioria considera chata e cansativa. Não fosse a reprovação por faltas, é provável que a maioria nem frequentasse.

É preciso considerar as dificuldades tanto de um quanto de outro, do professor e do aluno. São questões, dentre tantas, que interferem bastante na qualidade da educação de um modo geral, mas penso que estudar e trabalhar à noite é mais frustrante.

Em uma reportagem do Canal Futura sobre as aulas do ensino público noturno, um especialista na área de educação afirmou que o ensino noturno não funciona no país porque são quatro horas que, na verdade, não são de fato reais. Muitos alunos e professores chegam atrasados, pois precisam enfrentar o trânsito, e além do mais, as aulas sempre acabam mais cedo por causa da violência urbana.

Ainda na mesma reportagem, é fácil comprovar o que foi dito pelo especialista. O jovem Luciano, estudante de uma escola pública na Rocinha, embora interessado em continuar seus estudos, se depara com essa triste realidade. Em uma sexta-feira, ele foi o único a comparecer, a sala estava completamente vazia, nem colegas, nem o professor conseguiram chegar. Lu-

ciano já imaginava o que poderia ser, talvez não tenham conseguido chegar devido às dificuldades da mobilidade urbana. Numa outra sala, apenas oito alunos compareceram.

Já faz um bom tempo, mas me lembro da minha trajetória durante o ensino médio, tinha que trabalhar durante todo o dia no Centro da cidade, mas acabei me matriculando numa escola da Zona Norte, próximo de onde eu morava, justamente por causa da violência, e também porque não queria chegar tão tarde em casa quando a aula acabasse. Confesso que pensei em desistir várias vezes, não fossem os colegas e a obrigação de terminar o ensino básico, talvez, naquele momento, tivesse desistido. Nem preciso dizer que faltei muitas vezes, algumas por causa do cansaço, outras porque não conseguia chegar no horário, aí acabava não indo.

Quando estava no terceiro ano, pedi minha transferência para uma escola mais próxima do Centro, em São Cristóvão. Neste último ano podia chegar mais cedo às aulas, mas acabava chegando mais tarde em casa. A minha turma ficou sem professor de Física, claro que isso pode acontecer em qualquer turno numa escola pública, mas acho que com tudo o que o ensino noturno sofre, uma falta dessa prejudica ainda mais. Depois de terminar o ensino médio, tentei o vestibular da UFRJ e, claro, não deu outra, fiquei com zero em Física, e não podia zerar em nenhuma disciplina se quisesse uma classificação.

Você já deve ter lido aquela máxima nas redes sociais: “Quando se nasce pobre, ser estudioso é o maior ato de rebeldia contra o sistema”. A gente percebe que alguns conseguem ven-

cer seus obstáculos terminando os estudos e indo até o nível superior, mas infelizmente, não são todos que conseguem isso na idade própria. A realidade que eu já vi e vejo em muitos casos é a evasão escolar. Quando conseguem alguma atividade profissional, por causa da necessidade, preferem dar prioridade ao emprego. Estamos reféns de uma sociedade em que uma parte é escravagista e acredita que todos têm que se submeter ao duro mercado de trabalho. Sabemos que nem todos se adaptam a esse modo de vida, de se deixar ser subjugado pelo sistema que é imposto aos mais pobres, tendo que estudar, nem que seja a duras penas para ser inserido nessa injusta estrutura social.

Sempre tenho em mente esses questionamentos, porque não é tão simples chegar numa sala de aula com idealismos. Também não posso criticar os professores apenas por criticar, porque não conheço suas dificuldades, sua história, sua carreira. Mas penso que devemos refletir bastante sobre esses aspectos. Pela experiência que tive em trabalhar e estudar à noite, reafirmo que as dificuldades são muitas e cruéis. Temos que procurar uma maneira de formar alunos que sejam motivados a pensar em como funciona nossa sociedade e como estamos inseridos nela.

O percurso do curso

ARINA MOURA

O grande salão de baile, suntuoso e iluminado, refletia suas luzes sobre meu vestido. Mas o brilho que eu carregava nos olhos era o reflexo do contentamento ante o momento esperado.

Desci as escadas que me levavam até a sala onde estavam reunidos meus três melhores amigos. Dois vieram de Uber do Méier até o Terminal Alvorada e embarcaram no BRT para o Jardim Oceânico, em trajes de festa. Maria viera de mais longe, só para me prestigiar. Prometera seis meses antes que viria para a minha formatura. Amiga da Europa, testemunhara tantas choros, insônias e emoções em erupção; os meus frequentes momentos de explosão, nos quais pensava em desistir, pegar mochila e me jogar no mundo. A sua calma e benevolência me consolavam.

Eu prossegui. Eu consegui.

Os três se levantaram ao mesmo tempo do sofá, analisaram detalhadamente a minha transformação: vestido longo, cabelos escovados, maquiagem e salto alto. Metamorfose! Aprovaram o visual.

No primeiro dia de aula, entrei na sala e era toda feita de sorrisos. Alegria diante da recepção na Faculdade. Caloura de

rosto pintado e pinta de intelectual. A aula inaugural falava de Machado de Assis e eu quis mostrar que sabia demais sobre o bruxo do Cosme Velho. Ledo engano! Precisaria dos cinco anos para entender que nunca se sabe o bastante. Tudo acontece num estalar de dedos, mesmo quando custa a passar o sono, o cansaço, as ilusões e o percurso para se chegar ao propósito definido.

Quatro ônibus, dois para ir e dois para voltar, chegando em casa para dormir por quatro horas. Sou louca ou masoquista? Era só meu sonho pedindo para eu resistir. Superei a dor das muitas perdas que me alcançaram pelo caminho. Escondi minha tristeza, sufoquei o pranto quando o professor entregou a prova zerada. Não estava recuperada e nada assimilava. Não tinha que ser forte quando as emoções afloravam e eu caía num ostracismo. Queria encontrar motivos para continuar, sem a presença de minha mãe. No entanto, foi ela quem mais me motivou a seguir, prevendo que eu estaria sozinha.

Achei refúgio nas pesquisas, nos livros e nos abraços dos amigos. Os sonhos retornaram cheios de poesia, quase reais, me impulsionando a crer nas possibilidades. Os reverses muitas vezes nos fortalecem.

Cinco anos se passaram. Pensei na gama de conhecimentos adquiridos, nos mestres queridos, e quis ser assim também, cheia de erudição. Professora igualzinho àqueles que tanto admirava. Não cabia em mim de satisfação porque podia pensar na pós-graduação e nos muitos jovens que careciam da educação.

Maria, Sandra e Tullio me olhavam surpresos. Quis chorar, mas de contentamento. Respirei fundo, segurei as lágrimas e, guiada pela mão tranquila de Tullio, entrei no carro que nos levaria até o Alto da Boa Vista.

No salão de festas, a música era um convite para dançar, em movimentos ora frenéticos, ora suaves. Dancei até suar e, depois de algumas horas, refugiei-me no banheiro feminino, longe do barulho da festa e dos suores dos corpos que se movimentavam. Lá estava eu, diante do espelho. Conseguia ver além da própria imagem de rosto maquiado e cabelos bem penteados. Não percebia o quanto estava também suada. Meus cotovelos apoiados na bancada de mármore claro, os olhos fixos quase não pestanejavam.

Sandra e Maria me tiraram do transe, quando surgiram na porta do banheiro e a primeira, se aproximando mais, me inquiriu, sugestiva:

– Solange, vai ficar aí no banheiro o tempo todo? A festa é sua, venha se divertir.

Saí do sonho e lágrimas escorriam sobre meu vestido longo, verde, com pedrinhas brancas de strass que o adornavam por completo. Aos poucos me recompus, refiz a maquiagem, suspirei fundo e esqueci de tudo. Estava com o tão sonhado canudo nas mãos. Abandonei o espelho e as minhas recordações para retornar ao salão e dançar, suar de novo e curtir imensamente o meu baile de formatura.

Diversidade

NONATA MARTINS

Uma das coisas que mais reparo na vida é aluno na saída da escola. Caro leitor, você já percebeu o quanto de diversidade se concentra num espaço tão pequeno como a frente da escola? Se nunca o fez, deveria! É uma enumeração caótica. Um misto de tamanhos e formas e cores e penteados e vozes... Mas o barulho que eles fazem é sempre tão semelhante. Essa mistura toda se repete quase igualmente em todas as escolas.

Só me atentei para isso num dia em que estava viajando de férias, passando em frente a uma escola parisiense no horário de saída dos alunos. Eu me deparei com os gestos, as formas, as cores, as brincadeiras, as risadas. Não entendo muito bem o idioma francês, mas o barulho e os movimentos que aquele bando de adolescentes fazia eram basicamente iguais aos dos meus alunos aqui no Brasil. E eu disse sorrindo:

– Aluno é a mesma merda em qualquer lugar do mundo...

A partir dessa minha fala eu passei a refletir também em como o aluno enxerga o professor. E desde então fico me perguntando se os meus alunos também pensarão: “Professor de Português é tudo a mesma merda...” Penso também em como eu estava generalizando e desconsiderando as particularidades de cada um, e que isso se repete muitas vezes de forma negativa na sala de aula. Professores e alunos se enxergam de maneira

puramente superficial, e todos saem perdendo. Pensei também numa possibilidade de ressignificar o meu olhar sobre meus alunos, e sobre os alunos de outras escolas, e sobre meus colegas, e sobre a escola, e sobre o sistema educacional, e sobre meu papel de mediador como professor.

Bacana mesmo seria se todos conseguissem programar e executar um trabalho mais elaborado. Um grupo de estudos, ou um clube do livro, ou um grupo de contação de histórias, ou diários de leitura, ou até mesmo oficinas de desenho, de escrita, de costura, de teatro, de artesanato, de culinária. A sala de aula deve ser um lugar de troca. Imagine, leitor, quanta troca de experiências poderia haver num grupo de estudos formado por alunos de séries diferentes auxiliados por pelo menos dois professores de disciplinas distintas, ou num clube do livro em que alunos e professores pegassem livros emprestados uns dos outros e depois discutissem suas interpretações em diários de leitura, ou numa oficina de desenho em que um menino fizesse algo como grafite e outro fizesse algo como um desenho arquitetônico, ou numa oficina de artesanato ou de costura em que se poderia compartilhar as ideias e gostos e o que se entende como belo.

Ora, leitor! Eis que estou aqui enumerando uma série de atividades que considero bacanas para promover a diversidade na escola, como num fluxo de pensamento que parece um amontoado de ideias utópicas, já que a educação é sempre tão atropelada pelas adversidades.

E será que são só ideias? Me diga você!

Vou ser professor

FRANCISCA IMACULADA DE SOUSA DE OLIVEIRA

**POIS É SÓ NA INTERAÇÃO ENTRE O SABER QUE SE TRAZ DO MUNDO E
O SABER TRAZIDO PELOS LIVROS QUE O CONHECIMENTO AVANÇA.**

MARISA LAJOLO

No primeiro dia de aula cheguei alegre e sorridente, pensei que ali, naquela sala de aula, estaria a salvo do mundo lá fora. Sempre tive vontade de estudar naquela escola, a melhor do meu bairro, lá todos tinham direito a quatro refeições. Eles nos davam comida, conhecimento e esperança! Será?

Eu preferia a escola à minha casa; a escola era um lar, minha segunda casa, meu refúgio. Voltar pra casa era um martírio, naquela casa ninguém sabia ler, tampouco escrever. Quem iria tomar a lição comigo? Isso era uma preocupação, mas a escola era tão atraente que eu até esquecia que chegando em casa ninguém sabia ler. Todo dia aprendia uma coisa nova, tinha dias que o professor de Matemática nos mandava memorizar a tabuada toda. Quem conseguia era um gênio. Eu nunca consegui, logo nunca fui um gênio, mas bem que gostaria de ser.

Eu gostava mesmo era de Português, queria aprender a falar bonito como os professores. Quem sabe um dia eu do-

mine todas essas regras gramaticais? Era muita coisa, mas eu nunca esqueci que antes de “p e b” se usa o “m”.

Contava as horas para voltar para lá, aquele lugar mágico e fascinante, onde os professores eram maravilhosos, e me perguntava: como eles sabiam tanta coisa? Questionava-me, dia após dia, cada vez mais. Era real? Eram pessoas ou seres de outro mundo? Mas tinha dias que eles estavam cansados e eu pensava o quão real eles eram. As aulas, nesses dias, não eram muito boas. Quem poderia culpá-los? Tanto conhecimento sem nenhum reconhecimento. Mesmo assim meu encanto pela educação só crescia. Um dia vou ser professor... Um dia vou ser professor...

No ensino médio conheci uma professora maravilhosa, não só por dar aulas de Português, ela emprestava seus livros para que levássemos para casa. Toda semana era um livro diferente. Fiquei feliz, naquela época me apaixonei pela leitura. Lia de gibis a panfletos de lojas e supermercados. Ah! os romances água com açúcar, esses sim me encantavam! Quem nunca leu *Sabrina*, *Júlia*, *Bianca* que atire a primeira pedra.

Perdia-me no mundo dos livros, lá eu podia ser quem eu quisesse. Nessa época viajei por todos os lugares. Só dessa maneira poderia conhecer tantos lugares, mas a voz da minha mãe, que sempre ecoava em minha mente – “Ler para quê? Já vai voltar para esse vício? Aonde tanta leitura vai te levar?” – trazia-me de volta à realidade. Ah, como eu amava a escola, lá eu tinha tudo: comida, conhecimento e esperança!

Depois de muito esforço, muita luta, muito choro, consegui passar no vestibular. Então pensei: lá minha vida vai mudar. Vou para a tão sonhada faculdade, vou ser professor, vou ser professor...

A primeira aula me remeteu à mais linda lembrança, voltei a ser criança. Ah! como era bom aprender! Apesar de todas as dificuldades para chegar à faculdade, a felicidade, o orgulho e a vontade de aprender eram tamanhos que superavam qualquer obstáculo.

Mas não demorou muito para que essa alegria se transformasse em obrigação, angústia e muita pressão. Onde está a gramática? Ainda não vi! Será que estou na faculdade errada? Quando cheguei aqui – Faculdade de Letras – achei que aprenderia todas aquelas regras gramaticais que sempre me deram um nó na cabeça, mas que sempre me encantaram.

Entretanto, não foi o que ocorreu. Eu tinha que ler. Ler, ler e ler. Todos os professores achavam que eu já sabia tudo que eles ensinavam. Eu não sabia quase nada, eu vim aqui para aprender! Fiquei aterrorizada com a faculdade, não com os professores, mas com aquele universo em que eu estava. A faculdade. Lugar frio, solitário, cheio de gente, mas tão vazio. Sentia-me perdida, os professores pareciam deuses e eu era uma simples mortal que não possuía muitos poderes, além de ler e escrever. Não aguentava mais ler, eram tantos trabalhos que nem dormir eu conseguia. Como vou desistir? Foi tão difícil chegar aqui! Lembro como se fosse ontem, meu nome na

lista dos classificados. Dei pulos de alegria, mais uma vez pensava: vou ser professor...

Mas ninguém me falou que a faculdade não ensina como lidar com a decepção de achar que nunca soube de nada e que há muito que aprender. A faculdade não ensina aos muitos alunos que chegam ali mal preparados, entregues à própria sorte, que é muito difícil continuar... A faculdade não ensina como matar essa imensa vontade de aprender. A faculdade não ensina que o conhecimento é do mais rico, seja pelas escolas privadas que estudaram ou pelo poder do seu coeficiente de rendimento, o famoso CR... A faculdade não ensina que a pobreza, a raiva e a falta de preparo faz gente pouco inteligente...

A grande verdade, e que seja dita e devidamente enfatizada, é que eu nunca deveria querer ser professor. Será que eu ainda serei professor? Só o tempo dirá!

Continuarei estudando e amando e sonhado. Vou ser professor?!

(Co)modismo: o cânone basta?

ANNA CAROLINA MONTEIRO

Brasil. Século XXI. Ensino tradicional. Ainda se ouve falar dos clássicos da literatura brasileira nas aulas do ensino médio como tábua de salvação, símbolo máximo de cultura e, portanto, cânone insuperável e arrebatador. Engolir Machado, Aluísio Azevedo e tantos outros a seco, como se representassem as únicas alternativas; mas sem degustar. Na verdade, isto é privilégio de poucos.

– Grande Machado! Cai nos vestibulares. E o mais importante: é o que há de mais belo! – dizem alguns professores.

– O que há de mais chato também! Não aguento mais Machado! – grande parte dos alunos diz.

Indivíduos concluem o nível médio de ensino com essa ideia fragmentária e reduzida do que é a literatura. Três longos anos, principalmente para quem pensava “Machado, que saco!”. Mas, como também fui aluna e nem toda dor é eterna, abracei o mundo da Letras e o sonho de me tornar professora decidiu fazer morada na minha mente. Afinal, para mim, Machado, Azevedo e tantos outros nomes não fizeram com que eu dormisse, mas com que me apaixonasse.

Como somos seres pensantes (em maioria, me arrisco a dizer), o tão querido questionamento – “Por que abordar somente clássicos, se grande parte dos alunos não se agrada ou considera maçante? Como incentivar a leitura por prazer?” – ecoou na minha mente e, então, tive a certeza de que, no exercício do magistério, precisaria achar minhas estratégias para tornar a aula menos “sonífera”. Seria um desafio imenso? Certamente não saberia dizer, mas ousaria arriscar.

Algumas coisas acontecem durante nosso percurso aqui na Terra, percurso esse tão intrigante, questionador e, muitas vezes, atravessado por aquilo que chamamos de “coincidência”. Quem, meus queridos leitores, nunca se deparou com algo tão irônico que chegou a beirar o cômico? E, como as respostas tardam mas não falham, tive o prazer literário de, nas aulas de Didática e Prática de Ensino de Português e Literaturas, ler textos teóricos que se aprofundam justamente na questão do “como, por que e de que maneira” ensinar a literatura, não como matéria de avaliação somativa, mas como matéria, em todas as suas possíveis definições, de prazer.

Durante esses trânsitos textuais, me deparei com o texto “Autobiografia de leitor e identidade literária”, de Annie Rouxel, em que encontrei considerações que, como todo bom aluno faz, deveriam ser grafadas em todos os tipos de suporte, sejam eles digitais ou impressos, e gravados na mente e no coração: identidade literária e dificuldades intrínsecas à sua construção.

Como fazer com que meus alunos construam uma identidade literária, se sintam leitores ou lidos pelas obras, num

mundo tão fragmentado, regido pelo Enem? Como favorecer o prazer, se os cânones (em geral) se situam num tempo muito distante da realidade de nossos alunos, em pleno século XXI; se as problematizações são outras, os costumes e toda a cultura sofreu grande mudança? Não seria mais fácil abordar um tema que se aproximasse, de certa forma, desse universo em que vivem, convivem, convivemos?

Foi então, certamente influenciada e apaixonada pelas possibilidades apresentadas pelos vários autores com quem tive contato no início de minha prática didática, que pensei comigo: “Não quero ser uma educadora apática. A leitura por prazer torna tudo mais interessante e, de uma forma ou outra, pode incentivar os alunos a lerem o que mais se adequar ao gosto deles. Quem sabe assim se aproximem e desfrutem dos clássicos?” Eu conseguiria dar conta disso? Como eu faria trinta cabeças, logo trinta subjetividades, se sentirem leitores capazes e lidos pelas obras? Marisa Lajolo, professora universitária e autora de grande importância em meu processo acadêmico, já dizia: “Não dá para desenvolver o gosto pela leitura tentando enfiar os autores goela abaixo”.

A luz no fim existe para todos que tentam encontrá-la, assim como uma possível conexão entre teoria e prática. Numa aula sobre Romantismo, o introduzi, apresentei suas respectivas fases, fui tirando as dúvidas dos alunos, sempre interagindo e dando voz a eles. Pedi, então, que fossem escolhendo uma obra de sua preferência, desde que tratasse do Romantismo, não importando a fase que escolhessem. A partir da leitura, pedi

que apresentassem a temática, como num simples seminário em sala de aula e, depois, uma resenha da obra que escolheram, explicando o Romantismo com base nela.

Seria uma mentira dizer que ninguém optou pelo cânone, mas deixá-los à vontade, não colocar uma leitura como obrigatória e somente como uma forma de avaliação, despertou o senso crítico e, em grande parte, fez com que se interessassem pela literatura. E, de certa, forma, me atrevo a dizer que, quando menos esperavam, estavam lendo por prazer. Alguns que não se interessavam por nenhum tipo de literatura até me pediram sugestão e disseram que queriam transformar o exercício de ler em hábito...

Trocaram de livros, começaram a conversar entre si sobre as obras. Enriquecedor. Trocar experiências sempre é. “A vontade de compartilhar o prazer ou o conhecimento do outro estimula a curiosidade.” Rouxel, minha querida, suas palavras foram confirmadas novamente!

Descobrir que dá, sim, pra conciliar clássico com uma literatura que se aproxima mais da realidade de meus educandos mudou minha vida por completo, pois passei a me sentir uma professora amiga que procura fazer mais que o trabalho: fazê-lo com carinho, confiança e uma responsabilidade brutal. O problema é que nem todos os professores querem achar seus caminhos. Preferem os mais curtos, já que permanecer na inércia é mais cômodo. Mal sabem que flexibilidade é a chave para incentivar a leitura como algo que liberta, e não que desgasta.

Educação como pretexto

ANDERSON ALVES

- Eu não acredito na educação no Brasil!
- Como assim? Tá perdido por aqui? Você sabe que está numa Faculdade de Letras?

Era assim quase todos dias da semana. O rapaz que não acreditava na educação brasileira devia ter por volta de trinta anos. Era alto, com barriga de chope e óculos. Ele tinha alguns argumentos. Já viu como andam as escolas do governo, por exemplo? Para começar há o problema da violência. A grande maioria das escolas do Rio de Janeiro está em comunidades carentes. Quando há confrontos, seja entre facções rivais, seja com a polícia, as escolas fecham. Em média, as escolas fecham dois dias por ano devido a confrontos em comunidades carentes. Este número mascara a realidade individual de algumas escolas, que chegam a fechar vinte, em alguns lugares, 45 dias. E isso é só um pequeno trecho de um dos argumentos que o rapaz usava.

A moça, de vinte e poucos anos, se muito, tinha cabelos ruivos e encaracolados. Ela culpava o governo por esta situação calamitosa na educação e apontava vários aspectos de falência do Estado, sobretudo nas favelas. Na área da segurança mesmo,

ela falava do círculo vicioso entre as condições desumanas que as pessoas em comunidades (sobre)vivem, falta de recursos, de emprego e uma política que leva à criminalidade como alternativa. Os alunos são os primeiros a serem recrutados pelo crime.

Ambos vão entrando numa sala, ainda falando:

– O seu problema é o seu preconceito. Só sabe olhar para os alunos de escolas carentes e vomitar regras. Sabia que a melhor escola do nosso município fica numa favela?

– Pronto! Já vem ela. Sabia que na escola que eu estagio uma professora foi espancada pela mãe de um aluno porque tomou o celular dele durante a aula?

– Sabia que eu moro na favela onde essa escola fica e sei que não foi bem assim? Não tô dizendo que era para fazer isso, mas se alguém chamar meu filho de burro e outros nomes que essa professora falou eu também não ia ficar calma.

Era um caso de violência na escola. A professora ficou irritada com o aluno que não prestava atenção na aula, tomou o celular do menino e o constrangeu na frente de outras crianças, porque ele dirigiu impérios a ela. Por fim ele foi para fora de sala e o responsável foi chamado. As coisas saíram de controle porque a mãe acreditou na história que o aluno contara em casa e partiu para a violência. Não foi a única professora desta escola... Em São Paulo dois professores são agredidos por dia, segundo a *Folha de S. Paulo*. E esses números só levam em conta queixas registradas em delegacia.

A briga entre os dois alunos da Faculdade de Letras continuava. Todos os dias têm sido assim, até que o professor chegue e comece a aula.

Já entramos no nono período e discutimos muito a estrutura da língua como um todo. Fonologia, morfologia, sintaxe, história da língua, poesias brasileira, portuguesa, africana... Quando vamos discutir sobre esse caso? Seria o período antes da aula o espaço indicado para que façamos esse debate? Quando saberemos como lidar com um aluno que tem dificuldade de assimilar o conteúdo? Quais os conteúdos esperados para cada ano? As perguntas pululam a cabeça e as respostas são: o meu tempo é tão curto que não dá nem para dar a ementa toda.

Não há, na faculdade, espaço para orientação nesses casos. Sobre literatura então, como diria a moça ruiva, “é a falência da faculdade”. São respondidas inúmeras perguntas sobre as mais diversas coisas. De “onde é o melhor lugar para jogar um futebol” até “Bolsonaro 2018”. Mas onde fica o aluno neste contínuo?

Não se engane! O rapaz que não acredita na educação e a moça ruiva vão continuar a discutir todos os dias antes das aulas. Às vezes no WhatsApp. No fim cada um sairá com uma ofensa.

- Fascista!

- Ongueira!

Eles sabem que suas diferenças vão além da educação e a tomam como pretexto. Talvez até seja uma forma deturpada de apimentar o relacionamento, se é que eles o têm. Ao fim vão sair juntos com a turminha, se dirigir para o trailer do Euzébio e beber com os amigos. Só quem saiu derrotada foi a educação.

Sonhos em sala de aula

ROBSON RIBEIRO

Lúcia sonha em se tornar comissária de bordo. Ronaldo, engenheiro. Flávia, psicóloga. E Lucas, médico cirurgião. Além dos sonhos, eles e os demais 25 colegas de turma têm em comum o fato de serem alunos na disciplina de Redação, ou Produção Textual, se assim o leitor preferir. Como nos bem diz o compositor Beto Guedes, “sonhar já é alguma coisa mais que não sonhar”. Por isso, os profissionais que estão à frente desses grupos não podem, em hipótese alguma, ignorar essas expectativas para o futuro. Devem, portanto, envidar esforços para que, antes da preocupação com o ensino das técnicas de escrita e interpretação textual, seja feita a vinculação daquilo que está sendo estudado aos desejos e à realidade de cada um.

A fala que mais se ouve dos alunos nas aulas de redação e a que, ao mesmo tempo, mais surpreende é:

– Eu não gosto de ler!

Difícil compreender uma afirmação como essa porque hoje, com o advento das redes sociais, o que os jovens mais fazem é ler. Muitas horas do dia que passam olhando para a tela do celular ou do computador são ocupadas com a atividade de

leitura e, conseqüentemente, de escrita. Aliás, o segundo enunciado preferido dos alunos é:

– Eu não consigo escrever/argumentar!

Ora! O que mais fazem é argumentar, e sobre os mais diversos assuntos. Conversas de WhatsApp ou comentários de notícias são, muitas vezes, verdadeiros tratados de retórica! Quando esse argumento é posto, eles ficam a refletir sobre e, quase imediatamente retrucam:

– Ah, mas as nossas conversas são naturais e sobre coisas que gostamos.

Traduzindo: eles estão dizendo que gostam sim de escrever, desde que haja liberdade na escolha do tema e que esse produto tenha um público e uma finalidade reais.

Aqui chegamos ao cerne da questão, pois essa última declaração dos estudantes é o sintoma de que aquilo que está se colocando em sala de aula não está condizente com a vida que se leva fora dela, e mais: estão clamando por oportunidades de produzir conteúdo autoral, sem interferência nem imposição, mas apenas orientação. Por isso, quanto mais próximo da realidade do aluno o conteúdo abordado em classe estiver e quanto maior for a liberdade de criação e a utilidade prática, maiores serão as chances de ser bem assimilado, pois é exatamente isso que acontece nas redes sociais e afins.

Mas como exigir criatividade, interesse e bom rendimento dos discentes se as propostas de escrita e leitura das escolas são quase sempre as mesmas, e pior, com temas impostos pelo professor? Uma boa maneira de tentar equacionar essa ques-

tão é dar a essas atividades um caráter empírico, envolvendo os alunos na produção de um blog ou um jornal para a escola, por exemplo. Assim teriam como estímulo um público certo e que daria um retorno sobre o seu trabalho.

Os profissionais de educação, mesmo com as dificuldades inerentes às diferenças entre as gerações, devem adaptar seus métodos de ensino para que estes fiquem o mais próximo possível daquilo que vai despertar a curiosidade dos alunos e facilitar o entendimento da utilidade do domínio da língua portuguesa em suas diversas facetas.

Estar à frente de um grupo grande de adolescentes, cheios de energia e sem muita paciência para abordagens tradicionais requer do professor habilidades que passam pela utilização, na escola, dos recursos tecnológicos atuais. Afinal de contas, o *tablet*, o celular, as redes sociais, o Youtube etc. são ferramentas que podem e devem estar no radar da escola não como empecilhos, mas como potenciais aliados no processo educacional.

Para que a produção textual possa se revelar como algo que vai ajudar a viabilizar os sonhos de tantas Lúcias, Ronaldos, Flávias e Lucas, a sala de aula deve ser um ambiente de incentivo e estimulação, e cabe aos professores e professoras ter a sabedoria e a vontade de serem os facilitadores para que a mágica aconteça.

Primeiro dia na escola

TAMIRES BATISTA DE OLIVEIRA

Tia!

Oi, Tia!

Tiiiiiii!

Sempre ouvi muito isso todas as vezes em que acompanhei minha mãe no trabalho, vezes em que pedia para rodar mimeógrafo e escrever no quadro, vezes em que me perguntavam se eu queria ser professora e eu dizia que sim. Vendo essas imagens é bonito pensar que a filha da professora vai ser professora, mas eu desisti da docência quando era criança vendo minha mãe chegar chorando depois do primeiro dia de trabalho na escola do município.

Foram cinco anos naquela escola, um ano com a turma que ninguém queria, cinco anos de tiroteios, lá na tradicional rampa dos CIEPs. A professora grita, manda todos para o chão, os alunos gritam e se jogam no chão e eu, que não era nunca nem a professora nem o aluno observava, atenta, cada decisão que era tomada. Lembro-me de cada história que chegava ao meu ouvido, a cada ano essas histórias ganhavam um pedacinho a mais, o aluno cujo tio morreu passa a ser o aluno cujo tio disse que minha mãe estava de parabéns, viu o caderno do sobrinho e gostou do trabalho dela, e esse tio passa a ser o

que era braço direito do dono do morro. Para mim esse aluno, sobrinho do traficante, passou a ser objeto e objetivo de estudo, repare bem, um objeto humano. A cada ano a minha vontade de ser professora recuperava um pedacinho, então, eu te pergunto: tem como a minha docência não ser marcada por cada uma dessas histórias?

Bom, com o tempo fui ficando maior que os alunos da minha mãe, com o tempo fui começando a ver na educação a esperança que perdi quando criança, com o tempo começaram a me chamar de tia, com o tempo percebi que meu lugar era na docência, com o tempo “você vai dar aula pra gente?”, ele me perguntou esses dias.

Fazia muito que eu não ia à escola em que ela trabalha, geralmente ia por motivos de não ter com quem ficar, ajudar a fazer algo manual, ou algo do tipo, mas dessa vez o contexto era outro, mudou. Tinha uma entrevista para fazer com professores da escola básica para uma matéria de licenciatura.

Ah, a licenciatura, essa sim entra no Lattes, mas essa não me diz como agir quando meu aluno de 10 anos me pedir pra fugir da escola porque “tem verme no morro”, o que fazer quando diagnosticar que na minha turma tem mais alunos a serem alfabetizados e uma roda de leitura não significa nada para eles.

Entrei na sala para esperar junto das crianças que minha mãe entrasse, mas eles esperavam que uma professora entrasse, eu entrei e essa frase e todos os olhares daqueles pequenos me jogaram um balde de realidade, depois de um início de ano com tantos amigos e familiares dizendo “você está com cara de

professora” – qual é a cara de professora? – e toda a ansiedade de começar meu último ano na faculdade eu quis chorar, chorar por não enxergar em mim essa professora que eles enxergam. Enfim, respondi a eles que não, não irei dar aula para eles, não agora.

Prova de Português

THAÍS SILVEIRA

O despertador toca às 5:30 como se eu não estivesse já acordado. Não consegui dormir, a imagem daquela gramática enorme me assombrava e a matéria que eu tinha supostamente estudado ecoava na minha cabeça fazendo com que eu não conseguisse pregar os olhos nem uma hora sequer. Levanto, tomo banho, me visto e desço para tomar café da manhã com a minha mãe, como de costume, somos só nós dois e sempre foi assim desde que eu me lembre. Ela sempre foi muito boa em Português durante a escola e certamente não consegue compreender o porquê de eu ter tanta dificuldade em aprender regras tão “simples”. Tento demonstrar segurança com relação ao que vem pela frente e logo que termino o café saio a caminho da escola.

Realmente não entendo como posso ter tantos problemas em aprender Português... Falo essa língua desde que nasci, e juro, sei falar direitinho, claro que não perfeitamente como o professor, que usa umas palavras que só vejo nas gramáticas ou em livros, mas que onde moro nunca escutei ninguém dizendo, como “procrastinar”, “não obstante”, “ontológico” etc. Patético! Também não sou dos piores escrevendo, sempre gostei de escrever, gostava de histórias de luta, de ação, com heróis,

detetives e policiais, mas infelizmente não consigo tirar notas muito altas nas redações, para falar a verdade costumo tirar notas muito melhores em inglês. Acho que talvez eu devesse ter nascido em outro país, com uma língua mais fácil.

Ao chegar à escola vou direto para a sala de aula, escolho uma carteira que não seja na frente do professor nem muito atrás, algo no meio. A sala começa a encher lentamente e logo o professor entra, escorre uma gota de suor pela minha testa quando vejo um pacote na mão dele, o pacote que leva o meu destino, uma vez que, se não for aprovado nessa prova, corro sérios riscos de não conseguir passar de ano. O professor começa a distribuir as provas, seguro a minha e passo as outras para trás, leio com calma. A primeira parte da avaliação tem cinco questões: duas de interpretação de texto, três de gramática, todas discursivas como aquele maldito “justifique a sua resposta” em algumas. A segunda parte é uma redação, uma dissertação cujo tema é: “A obesidade infantil e a importância de uma alimentação saudável”. Jesus! Por essa não esperava.

Entrego a prova para o professor, sou um dos últimos, ele me olha e fala:

– Espero que vá melhor dessa vez, não quero te reprovar.

“Se não quer, então não reprove, simples”, penso em falar, mas ao contrário, dou um sorriso e saio de sala. Não quero ouvir ninguém falando da prova, isso é sempre torturante para mim, tenho certeza que não fui muito bem... Não entendo sintaxe, isso de oração coordenada e oração subordinada não faz sentido algum, afinal, por que “namorar alguém” e não “namo-

rar com alguém”? Qual a diferença? Acho a segunda opção até mais romântica, mais carinhosa. Todo mundo fala “namorar com”! Não compreendo o porquê de tantas regras difíceis e que nos confundem. Espero pelo menos tirar 6 e ficar na média, não quero deixar minha mãe triste, ela já sofre tanto com o trabalho e as contas de casa... Mas uma coisa é certa: não sei Português, e nem sei se um dia saberei.

Uma música que eu gosto muito é “*Heroes*”, do David Bowie. Inclusive foi a primeira música que aprendi a cantar em inglês. Minha tia, que cuidava de mim enquanto minha mãe ia trabalhar, ouvia essa música nas alturas. Não tinha como não saber de cor, ainda mais que as rimas eram fáceis, por exemplo: “*away*” rima com “*day*”. Em “*Heroes*”, minha parte favorita é aquela que diz: “*We can be heroes, just for one day*”. Ela explica que podemos ser heróis por um dia, não importa que nada contribua para isso, não importa se sou ruim em Português. Sei que posso ser um herói um dia. É disso que a música trata.

Curtir é preciso!

VAGNER CABRAL

– Filho, faz um tempão que a gente não conversa.

Essa era a frase que Rodrigo mais ouvia ultimamente. Era verdade. Andava exausto de sua rotina... A faculdade, o trabalho e os afazeres diários estavam fazendo com que ele ficasse cada dia mais cansado. Além disso, não tinha mais tempo para sentar e bater um papo com sua mãe, coisa que costumavam sempre fazer.

Mas aquela sexta-feira foi um dia diferente. Rodrigo não contava com a “infelicidade” de o professor faltar à aula sem avisar.

– Logo hoje que eu estava doido pra estudar... só que não!!!

Chegou em casa cedo pensando em colocar o sono em dia, já que há muito tempo não conseguia dormir oito horas seguidas. Encontrou sua mãe na varanda apreciando a lua que, aliás, estava linda naquela noite.

– Mas já chegou? O que houve?

Rodrigo logo explicou que “infelizmente” o professor havia faltado e que, por isso, ia aproveitar para descansar porque estava exausto.

– Mas o que houve que está tão cansado? – perguntava a mãe ironicamente, desacreditando do cansaço do filho. Ela sempre achava que ele aumentava um pouco.

– Ora, mãe, trabalhei a semana toda, fui à faculdade e ainda tive que fazer alguns trabalhos extras no serviço, tudo porque um funcionário faltou dois dias seguidos.

– Hmm... até parece! – resmungou a mãe. – Amanhã mesmo é sábado e você já sai com seus amigos para tomar uma cerveja, dançar, paquerar...

– Ué, o fato de eu estar cansado não significa que devo arruinar o meu fim de semana. Não mesmo! Amanhã vou sair com a galera... e isso não faz com que eu me torne um cara irresponsável.

Rodrigo percebia o tom irônico da fala de sua mãe, que acabava sempre fazendo com que, no fundo, se sentisse um pouco mal por estar tão afadigado e, mesmo assim, não ficar em casa. Ele sempre ficava tentando entender o que levava sua mãe a pensar daquele jeito. Seria excesso de cuidado, um pouco de ciúme, que é normal em toda mãe, a sua limitação em entender a vida acadêmica – já que sequer terminou o ensino fundamental – ou simplesmente queria encher o saco? Não chegava a nenhuma conclusão. “Logo eu, que não pertenço à geração nem-nem”, pensou.

Andava triste, cabisbaixo, em dúvidas... já não sabia se viver toda aquela loucura diariamente valia realmente a pena. Tinha uma rotina muito louca, trabalhava em três lugares e, muitas vezes, acabava abdicando daquilo que queria fazer para

atender às ordens do patrão ou ler os “maravilhosos” textos da faculdade que o levariam a um futuro promissor. Sabia que um dia a vida o recompensaria por todo aquele esforço, ou não.

O sábado chegou, trazendo com ele várias mensagens no WhatsApp. Muitas aventuras o aguardavam naquele dia. Mal teve tempo de ler todas elas e seus amigos já estavam batendo à sua porta pra convidá-lo para mais um rolê pelo bairro. Enquanto tomava banho, pensou se realmente não deveria ficar em casa. Cogitou em desistir de ir, mas entendeu que nem só de trabalho vive o homem. Arrumou-se, vestiu sua bela roupa e partiu com os amigos para um bar no bairro vizinho, Nova Esperança.

– Hmm, essa cervá tá com cara de tá o aço. Garçom, desce quatro gelobol aí...

– Rodrigo, meu filho, vem tomar café!

Mesmo sobressaltado, desconfiou que aquele sábado prometia e que o sonho era um bom sinal. Começar com um belo café da mamãe, quer dizer, café da manhã, até que não era nada mal, afinal, muitas vezes, é preciso inverter a ordem natural das coisas para ser feliz e curtir... é preciso!

- Terceiro núcleo
- temático:
- Questões de ensino

E ENTÃO VOLTAMOS PARA A EDUCAÇÃO. COMO UM ÚLTIMO APELO. PARA QUE O ÚLTIMO SONHO NÃO SE PERCA, E SE FAÇA REALIDADE SEM DEIXAR DE SER SONHO. E É TÃO BELO QUE ENTRISTECE. PORQUE O INSTANTE DE BELEZA DEFINITIVAMENTE DEIXA SEMPRE OS OLHOS ÚMIDOS. A GENTE PENSA: “SE FRACASSA A BELEZA, QUE PODE MAIS RESTAR AO HOMEM PARA SEU SUSTENTO?”

CECÍLIA MEIRELES

(Des)aprendizagem

ALICE CARVALHO DE OLIVEIRA

Costumava me lembrar, com certa frequência, dos meus anos de escola primária. Por conta da família exigente, boa aluna. A satisfação, decorrente das notas boas nas provas de Português e nas redações, virou lembrança boa: os elogios das professoras, dos meus pais, e a admiração triste dos colegas de classe que não alcançavam êxito semelhante. Era uma aluna boa, não há dúvida!

Agora, graduanda em Letras, universidade das melhores do país pelo que dizem as estatísticas, vivencio essas recordações com certa vergonha culposa. As boas redações e a “facilidade” em língua portuguesa – assim explicavam as minhas boas notas, e por muito tempo me convenci disso – agora provocam em mim não mais o orgulho daquele que se crê dotado de dom. E a inveja dos coleguinhas da época, essa então é que vejo com olhar cada vez mais diferente, cheio da malícia que – ainda bem! – as aulas da licenciatura me inculcaram.

Agora, me crendo mais experiente, mas ainda sem certezas, vejo tudo sem paixão nenhuma. Antes de pensar, com prazerosa nostalgia, no meu sucesso como aluninha dedicada, passo uns bons minutos, vira e mexe, pensando naqueles outros colegas de turma, que, relegados aos status de alunos médio-

eres, tinham que se resignar ao seu fracasso escolar. Ainda tão crianças já conhecendo a frustração! Penso também nas “tias”, que, a princípio, cheguei a maldizer de sargentonas e tacanhas, por provocar, na sala de aula, tamanha competição, promovendo o mérito de uns e expondo o fracasso de outros.

Relembro, agora, um caso tragicômico do qual nunca me esqueci. Estava ainda na primeira série, quando a professora, na aula de Português, lançou uma pergunta à turma:

– Alguém sabe o que é felicidade?

E um dos meninos respondeu, como ares de quem finalmente acerta alguma coisa:

– É um estado de espírito!

Ao que a professora rápida e jocosamente respondeu:

– Errado! Felicidade é paroxítona!

Por muito tempo vi esse episódio com revolta. Apenas uma pequena mostra de toda a castração e tolhimento pelos quais passam muitos alunos das escolas brasileiras.

Com o que sei agora, penso diferente. A aluna que fui não era nenhuma iluminada ou gênio de Português... simplesmente se adequou mais facilmente, por motivos obscuros pra mim até hoje (maior exigência familiar? mais incentivos? maior disposição para a obediência?), àquela concepção de língua que subjazia ao ensino tradicional e conservador com o qual teve contato. Lá, era mais esperto aquele que conseguia identificar com mais rapidez e facilidade qual era o sujeito da frase e classificar como preposição, adjetivo, substantivo, e por aí vai,

a profusão de palavras escritas no quadro com a letra exemplar da tia.

Antes que me esqueça, explico agora o motivo dessas longas (ou até, quem sabe, pedantes e afetadas pra alguns) digressões. Dia desses, minha irmã mais nova, normalista e em breve professora primária, veio me pedir ajuda com um trabalho – quem melhor para “corrigir” um texto que a futura professora de Português? Lendo o trabalho, me surpreendi com minha própria postura e minha atitude em relação à produção da minha irmã, comecei a mecanicamente “corrigir” os famosos “erros de gramática” e, não bastasse isso, ainda soltei:

– Nossa, vocês precisam escrever melhor!

Após o lapso, me senti novamente envergonhada pela “atitude curta” que tive com relação ao texto que me chegou às mãos, e principalmente pela forma simplista com que o li. Pensei nas professoras da minha irmã, que faziam com ela, quem sabe, o mesmo que as “tias” fizeram com meus desafortunados coleguinhas.

Pensando em tudo isso, ruminando todos esses fatos e recordações, me encontrei ainda mais cheia de dúvidas e questionamentos. Que professora quero ser? De que maneira a ideologia subjacente às teorias que temos na universidade conseguem nos atingir? O aluno não deve ser culpado. O professor, tampouco. Que fazer diante desse quadro?

Um aprendizado, porém, foi válido: sentir vergonha das nossas atitudes, e olhar para passado, pode ser muito importan-

te. Nos faz pensar e sair do pedestal em que a sociedade, muitas vezes, nos põe.

Termino esse prolixo relato com mais perguntas e reflexões que conclusões. Mas talvez seja disso que estamos precisando. E as dúvidas, mais que as respostas, chegam a toda hora, todos os dias... Para aprender, às vezes é preciso desaprender outras coisas.

A aluna invisível

ANA CLÁUDIA LIMA GUERRERO

QUADRO I

A aula já havia começado e a professora pediu para que os alunos pegassem o livro e o abrissem na página 70 para as atividades.

Fernanda, que é uma boa aluna, estuda nesta escola particular com bolsa integral. Ela odeia esse momento porque sua mãe não conseguiu comprar o livro, e isso faz com que ela se sinta envergonhada e inferior aos outros alunos por não ter o mesmo padrão social que eles. Apesar de tudo ela gosta da escola, e usa de alguns artifícios para não chamar atenção sobre si, ela praticamente se esconde entre os colegas.

A sua salvação é a amiga Carol, que até gosta de realizar as tarefas com ela, pois duas cabeças pensantes fazem com que os exercícios sejam feitos mais rápido. Só que, neste dia em particular, a Carol faltou, e como ela não tem muitos amigos, sentiu vontade de sumir. Teve que ser rápida ao procurar alguém que quisesse compartilhar o material com ela, não foi uma tarefa agradável nem confortável.

Ela sempre se pergunta por que a professora só usa o livro. Será que ela não poderia passar um filme ou alguma atividade em grupo?

A sorte dela é que a professora não a notava, pois ela não é o nerd e nem o puxa-saco da primeira fileira, muito menos faz parte dos desinteressados e bagunceiros do fundo da sala, sendo assim realmente passaria despercebida.

Se a professora notava a falta do material eu não sei, porque o que importa para ela são as notas e nisso a Fernanda se garante.

QUADRO II

O despertador toca às 6 horas da manhã e Fernanda pula da cama apressada, hoje tem que ir mais cedo para a escola. Ela combinou com suas amigas de chegarem às 7 horas para conversarem sobre o teste que a professora Marisa aplicaria naquele dia. A aula começa às 8 horas.

O ônibus demora a chegar e durante o caminho ela vai pensando se as meninas vão mesmo levantar mais cedo só para ajudá-la. Começa a se arrepender de ter esperado o ônibus, justo neste dia pega engarrafamento e pensa que se fosse a pé teria chegado mais rápido. Enfim chega à escola e elas não estão lá, começa a bater um desespero.

Às 7 horas e 30 minutos chega a Mônica e logo depois a Carol, o alívio foi grande. O problema a ser resolvido era que a professora daria um teste sobre um livro que mandou a turma ler. Fernanda ficou esperando que alguma delas acabasse de ler o livro para que pudessem emprestá-lo, mas, como aluno deixa tudo para última hora, elas só terminaram de ler no final de semana. Resultado: Fernanda não leu o livro.

Tinham meia hora para contar toda a história, enfatizando os fatos mais importantes e os nomes dos personagens. Fernanda ouvia atentamente e de vez em quando elas discoravam sobre algum fato, pois cada uma fazia sua interpretação. Fernanda não contava com isso. Pedia para que elas fossem mais objetivas. Elas conseguiram resumir a história em cima da hora, o sinal bateu e elas subiram.

A primeira coisa que a professora disse é que não adiantava fazer o teste quem não tivesse lido o livro, que não era para tentarem enganá-la. Fernanda ouviu aquilo e ficou quieta, não se tratava de querer enganá-la, ela só queria fazer o teste. Ela fez sem dificuldades e quando veio a nota ficou surpresa, afinal sua nota foi maior que as das amigas. Ter boas amigas ajudou bastante, e mais uma vez ela conseguiu driblar suas necessidades.

Entre aulas

PAULA RHAQUEL SILVA SOUZA DA FONSECA

O sinal interrompe a aula de Literatura. Mais um tiroteio rolando lá fora, então saímos da sala e fomos para o corredor. Todos no chão. Olho para a professora, que parece meio assustada, mas tenta manter o controle para acalmar a turma, talvez a gente é que devia acalmar ela, já que a gente é desse mundo. Coitada, primeiro dia de aula e não sabe nem o que é pra fazer direito nessas situações, mas é perdoável, já que lá no asfalto a história é outra. No canto do corredor eu vejo o Yuri do 301, acho ele lindo de morrer.

Deitadas no chão, Duda e eu sonhamos:

– Olha lá, amiga, o Yuri, meu crush eterno. Juro, meu sonho é namorar com ele! E você, ficaria com quem daqui?

– Namorar? Que namorar o quê! Tenho jogado tanto que nem penso em namorar ninguém.

– Você perde muito tempo nesses treinos...

– Claro que não, amiga, eu amo jogar. E quem sabe um dia isso me leve pra outros lugares? Eu quero mesmo é sair daqui, jogar basquete em vários países, tirar uma foto em cada lugar. Levar meus pais junto comigo também. Isso sim que é sonho...

– Ai, amiga, você sonha alto demais, imagina só a gente saindo daqui, bem nessa terra de ninguém, e ir para os Estados Unidos ou Europa? Difícil, já que nem falamos inglês!

– Mas o que a gente não sabe se aprende, não é à toa que precisamos meter a cara no livro né Carol, fala sério.

– Mas estudar adianta do quê mesmo? Me diz? Essa professora que veio hoje, estudou, estudou e caiu bem aqui. De que adianta? Gastar um tempo, quebrar a cabeça e ganhar pouco, porque não é possível que dar aula pra gente aqui dá um dinheiro grande, se fosse assim geral iria ser professor, né não?

– Pior que é... Mas sei lá o porquê ela veio pra cá, o que importa é que se não fosse por esses que vêm dar aula aqui, a gente nem tinha aula. Sem aula, sem formação. E aí faz o quê? Vira mulher de bandido? Deus me livre, meus pais me matam.

– Os meus também, Deus me livre.

– Agora pensa, ser professor não deve ser tão ruim assim. Eu sou mais que agradecida, porque foi o nosso professor de Educação Física que me colocou naquele projeto lá de basquete. Se não fosse por ele eu não teria conhecido algo que gostasse tanto na vida. E hoje eu só descobri o meu talento por causa dele. Se não fosse por ele eu não sonharia tão alto, e, fala sério, você adora ler, não lembra da professora do 9º ano que foi quem te motivou a gostar tanto de livros?

– Lembro sim, melhores aulas do mundo, pena que ela saiu. Também, depois que aquele menino do terceiro ano ameaçou ela, não tem quem fique, né? Se fosse eu peitava ele, mas nem todo mundo aguenta esse tipo de coisa.

Conversamos tanto que esquecemos que tudo já tinha voltado ao normal. Dois garotos foram pegar um copo de água para a professora que tremia que nem vara verde de nervoso. A gente, que já sabe todo o esquema, ficou tranquilo. A única coisa ruim mesmo foi ter perdido a bendita aula de Literatura!

Fomos pra casa, cansadas e com um certo medo, porque no fim das contas todo mundo tem medo. Quem é de fora e quem é de dentro. Minha mãe sempre diz que bala achada não liga se é criança, homem ou mulher, então sempre manda tomar cuidado. Mas na escola é tranquilo. Ninguém invade a escola. O problema mesmo é voltar pra casa, por isso eu e Duda sempre voltamos juntas. Dormi pensando na aula de Literatura perdida, e Duda na próxima aula de Educação Física, que por sinal é no mesmo dia, e tanto ela como eu esperamos ansiosas a próxima semana.

Finalmente chega o dia e eu amei a aula. Tanto a professora esqueceu o pequeno pavor da semana passada como eu esqueci que não tive aula, e tudo correu muito bem. Duda me deixa fazendo a tarefa praticamente sozinha, porque está trocando de roupa para a próxima aula. A preferida dela.

Enfim toca o sinal, para a minha tristeza e alegria da minha amiga. Todos seguem animados e eu, como sempre, querendo a arquibancada, meu lugar favorito nas aulas de Educação Física, pois detesto esporte. Sento na arquibancada e observo os que gostam brincando e jogando. A Duda para ofegante e joga a xuxinha de cabelo pra mim, já que estava caindo toda hora... Me pede água, mas minha garrafa está vazia. Continuo

conversando com uma colega enquanto ela vai beber água no bebedouro. De repente, um barulho, todos gritam e vão até lá. Duda está caída no chão. Será que ela passou mal? Isso que dá ficar correndo nesse calor sem beber água.

Mas não.

Ela não acorda mais. Água no rosto. Eu chamo. Alguns choram e eu ainda não acredito. Eu não consigo acreditar. E se eu tivesse a água? O sonho dela não teria acabado. Não tem mais nossas conversas. Nem o basquete. Não tem mais Maria Eduarda. Minha mãe estava errada, bala achada existe em qualquer lugar e acha até quem a gente ama.

Hoje não sinto mais proteção no único lugar que eu acreditava que nem bandido nem polícia entrava. Hoje tocou o sinal, todos no chão novamente, eu fecho meus olhos e penso: com quem mais eu vou sonhar entre as aulas?

Episódio piloto

THALLES CANDAL

Em minha primeira experiência em sala de aula, acordei duas horas antes do horário previsto para me arrumar, tomar um café e ir andando tranquilamente até o prédio da universidade particular que abrigava aos sábados as turmas de pré-vestibular comunitário de uma ONG do meu bairro. Isso sem falar que fui dormir duas horas antes do previsto para ter uma boa noite de sono e não assustar os alunos com imensas olheiras no primeiro dia como seu novo professor. Por falar em novo, acredito que esse tenha sido o primeiro susto.

– Acho que o professor se atrasou, a sala é essa mesmo?
– perguntou-me uma das alunas, dessas que já acordam mais agitadas que o próprio despertador, enquanto esperávamos a coordenadora chegar para abrir a porta, introduzir a aula inaugural do projeto e me apresentar à turma.

Dei uma risada e disse que eu era o professor.

Olhos arregalados. Sobrancelhas arqueadas.

– Desculpa, é que você parece ser tão novo!

E era. À época, aluno do terceiro período de Letras, tinha quase a mesma idade da maioria dos alunos, à exceção de dois que tinham mais de quarenta anos e vibravam com minhas explicações com o brilho nos olhos de quem teve as oportuni-

des ceifadas cedo demais na vida e recebia uma segunda chance de se apaixonar pelos estudos. Eu mal tinha esquecido as aulas do ensino médio, fato ao qual me agarrei como um náufrago à boia lançada fugindo dos tubarões. Os tubarões eram os olhares dos alunos desconfiados e da coordenadora, que, embora sem tal intenção, me julgava naquele momento, mas trazia um semblante de quem vê um jovem ingressando na profissão e enxerga em seus olhos a coragem de sentir o pavor dos inícios.

E eu estava realmente apavorado. Tímido desde sempre, falar em público sempre foi um desafio hercúleo. Escolheu a profissão errada então, meu amigo, você vai dizer. Mas, querido leitor, a vida tem dessas coisas. Foi preciso enfrentar uma turma de noventa alunos sonolentos e resistentes a responder a toda e qualquer pergunta para que eu tirasse da cartola coelhos, leões, rinocerontes e o circo inteiro.

Havia preparado uma aula cronometrada, ensaiada, projetada sobre uma prova de vestibular, com digressões entre uma questão e outra, para explicar desde o que é língua e linguagem até os principais movimentos literários, passando por variações linguísticas e a linguagem da internet, para mostrar que não só aparento ser jovem, como também o sou. Usei meus poucos conhecimentos adquiridos até então na faculdade aliados à lembrança das aulas do ensino médio, que assistia com os olhos brilhando, já querendo estar do outro lado da sala, de costas para o quadro, de frente pros alunos. Faltou combinar com todas as outras variáveis que poderiam dar errado.

Para começar, o meu próprio nervosismo e insegurança, mesmo tentando programar tudo para não perder o controle da situação. Hora para dormir, hora para acordar, material impresso para todos, aula planejada, expectativas de uma turma média em número, alunos participativos e que me ouviriam por duas horas e já subiriam em suas carteiras bambas e recitariam “Mestre, meu mestre querido”, de Álvaro de Campos, numa versão lusófona de *Sociedade dos poetas mortos!* Foi por isso que escolhi o magistério! Para despertar a paixão pela literatura, pela língua! Pura ilusão que hoje me faz gargalhar da minha versão jovem *naïf* de dezenove anos.

A sala teve de ser a maior do prédio para comportar todos. Minha voz tímida, que muitas vezes falhava de rouca e me fazia repetir as poucas frases que proferia a qualquer pessoa. Minha voz, que nunca havia sido exigida a mais do que uma conversa com cinco ou seis pessoas. Minha voz, que teve de ser aumentada de volume para que todos pudessem ouvir, falhou. Fugiu de repente, como se fosse a metáfora da minha vontade diante daquela situação, correu daquela sala para retomar fôlego do lado de fora, ao lado da porta, encostada na parede, ofegante, com as mãos nos joelhos. Minha voz falhou no meio de uma leitura.

Uma semana antes, o presidente da República interrompia seu discurso de posse, também por sua voz falhar e se transformar em um som assustador, e viralizou nas redes sociais. É claro que a analogia foi imediata, porém com a diferença que nele a voz causou medo aos ouvintes e em mim causou pena

e vergonha alheia. Me recompus, ri de mim mesmo, bebi água como se nada tivesse acontecido, e como o famigerado eterno-ex-vice-presidente, pedi uma pastilha.

O acontecimento quebrou a resistência instaurada no ar e diminuiu a distância entre mim e os alunos. Eu aprendi a impostar a voz na marra, como em um exercício de aquecimento vocal, porém já na frente da plateia. Fui testando cada tom e semitom até descobrir um volume confortável para minhas cordas vocais: uma cena que foi tão tragicômica quanto parece agora lhes contando. A coordenadora se compadecia e se via em mim a todo o momento, porém com a diferença de ter alguém como ela me transmitindo a segurança que precisava.

As horas finais da aula decorreram mais tranquilas e eu descobri que realmente tinha me apaixonado pela profissão errada. Porém, como bom libriano, já me apaixonava novamente no exato momento do desencanto. Aquela idealização do magistério não era real e eu me encantava agora por aquela nova realidade. A novidade, a inconstância, a iminência do desconhecido a cada segundo, o desafio. Planejei minha vida, minha rotina, minha aula para descobrir em minha vida, em minha rotina, em minha aula que não posso planejar tudo. Até agora muita coisa deu errado. Espero que assim continue.

Desculpa, vó!

YASMIM CABRAL MEDEIROS

Hoje, domingo ensolarado com pancadas de chuva, enquanto sento no sofá e penso sobre toda a quantidade de textos que ainda tenho para ler até o final do dia, decido ligar a TV. Rodeada pelos montes de mortes (in)formadas por palavras apáticas que tentam criar uma atmosfera de neutralidade em um jornal televisivo de extrema direita, ouço vozes altas que saem da cozinha. Minha vó discute algo com meu irmão sobre a ditadura: ela a favor, ele contra. E, à medida que as notícias aumentam, que o samba colocado pelo meu pai ganha voz e dança pela minha afilhada, e que a panela queima o arroz do almoço, a discussão fica cada vez mais quente, e eu chego cada vez mais perto.

Ao me aproximar dos dois, ouço minha vó dizendo que hoje em dia não ensinam mais como antigamente, que a educação está completamente corrompida e que os jovens não sabem mais o que dizem; se acham revolucionários, acham que vão mudar o mundo com essas ideias doidas de igualdade pra todos e de “defender bandido”. No tempo dela, dizia ela, não era assim não... Quem vinha com esses pensamentos antiquados rapidinho mudava de ideia, porque isso não faz o país ir pra frente, isso é atraso de vida. E outra, onde já se viu esse ne-

gócio de uns ganharem dinheiro sem fazer nada? Não é justo uns terem bolsa aqui e acolá só porque tiveram filho, diz novamente ela, que recebe pensão do pai e do marido (ambos militares). Mas... isso tudo é culpa dessa educação, dessa política, dessa coisa doida que mudou de uma hora pra outra. Hoje os professores ensinam umas ideias que fazem a gente acreditar, misturam política no ensino de suas disciplinas. Ora... Quem disse que educar é um ato político? As pessoas estão mesmo confundindo as coisas. Antigamente é que era bom! Tudo era mais justo, mais certo, as pessoas batalhavam pelo que tinham, afinal, todos somos igualmente capazes de conseguir qualquer coisa com nosso próprio mérito. Na mesma medida que não tinha isso de defender bandido, não tinha tanta violência, afinal, os militares cuidavam da população, defendiam o povo. Defendiam e ajudavam tanto que resolveram até ajudar aquele jornalista a cometer suicídio. Camaradas bons esses, né?

Mas, é claro, eu sou de uma geração errada, querido leitor (ou querida leitora)! Eu? Não sei é de nada! E tudo que falo só pode ser fruto da lavagem cerebral desenfreada daquele governo vermelhinho, né? Eu deveria ter é... saudade daquela banda que passa destruindo toda forma de amor. Desculpa, vô!

Tradição x Modernidade

BEATRIZ CRISTINA TELLES SANTOS

O cronista às vezes funciona como uma espécie de detetive. Precisa estar sempre atento, ouvindo, observando e buscando um tema que possa render uma boa crônica. Vivemos sob a pressão de prazos muitas vezes apertados e com a obrigação de produzir textos novos e originais a cada semana (refiro-me aos cronistas de jornal, que é o meu caso). Nosso encontro de hoje, caro leitor, é fruto de um desses momentos em que fui um detetive, passei despercebido e colhi informações muito interessantes.

Para os que não sabem, fui professor de Português por muitos anos e gosto de me manter informado sobre os desafios que esses profissionais enfrentam e quais estratégias pedagógicas eles utilizam para tentar driblá-los. Afinal, lido com a língua portuguesa o tempo todo em meu ofício de cronista. Recentemente, estive em um evento de Ensino de Língua e Literaturas, a convite de um colega que apresentaria seu mais recente trabalho na área. Durante o intervalo, estava circulando um pouco, vendo alguns livros que estavam sendo vendidos e ouvi dois professores discutindo sobre seus métodos de ensino.

Fingi estar muito interessado no livro que estava olhando e permaneci por perto para escutar melhor a conversa.

Um dos professores aparentava ser conservador, adepto de uma tradição retórica clássica. O outro era mais moderno, adepto de experimentações, do tipo que está sempre atento às novidades da área. O resultado foi mais ou menos esse:

– Carlos, quanto tempo! Que surpresa boa te encontrar por aqui!

– Nicolas, meu caro colega! Realmente uma surpresa formidável! Como está a vida? Ainda lecionando?

– Sim. E você?

– Sim. Mas devo confessar que estou cada vez mais desanimado. Esta juventude já não é mais a mesma.

– Verdade! Mas isso não é maravilhoso? Nossa, eu acho muito estimulante, tô sempre me renovando e tentando estar antenado com eles. Nem sei se ainda falam “antenado”, é difícil acompanhar a linguagem deles. Aliás, semestre passado fiz um concurso de poesias com meus alunos. Eles deveriam produzir poemas em cento e quarenta caracteres, como no Twitter. Foi sensacional, a galera se amarrou!

– Twitter? Desculpe, mas me oponho fortemente a essas novidades. É por isso que eles escrevem tão mal! Abreviam tudo, usam gírias excessivas, estão acabando com a língua portuguesa aos poucos. Devemos repudiar essas redes sociais na sala de aula, não incentivá-las!

– Já perdemos essa batalha, meu amigo. As redes sociais estão aí e seu uso só cresce. Eu mesmo já uso várias: Facebook,

Twitter, Instagram, tudo. Sabe qual é o lance? Temos que usá-las a nosso favor, principalmente com esses jovens, que são o seu principal público. Muitas vezes trabalho com textos que são retirados do Facebook mesmo, e os resultados são ótimos!

– Devo discordar, Nicolas. Eu sou a favor da tradição. Meus alunos leem Machado de Assis, José de Alencar, você sabe, os clássicos! Esses devem ser os seus modelos, principalmente no que se refere à escrita.

– Carlos, a gente não está mais no século XIX. Claro, não podemos descartar os clássicos, não tô falando para jogar Machado no lixo, longe de mim. Só que também não faz mais sentidos tomá-los como modelos intocáveis e transformar nossos alunos em meros reprodutores de padrões. Eles são muito mais que isso!

– Eu tenho as minhas dúvidas... Mas você também não acha que a liberdade excessiva e esse trabalho tão focado nas suas próprias realidades não atrapalha? Afinal, a escola é o espaço para o novo, para a ampliação de seus repertórios. Pense um pouco sobre isso.

– Justo. Mas acho que você também deve pensar um pouco e rever essas suas concepções, seus métodos. É sempre saudável, te garanto. Daqui a algum tempo podemos marcar um café e conversar novamente, que tal?

– Excelente ideia, Nicolas! Entrarei em contato com você em breve. Um abraço, caro amigo. Foi um prazer inenarrável conversar com você.

Como bom detetive que sou, não me intrometi na conversa e apenas me afastei silenciosamente da dupla. Entretanto, esse diálogo me fez refletir muito sobre certos exageros que observo na educação e mais precisamente no ensino de língua e literatura. Fico me perguntando qual será o melhor caminho para atingirmos nossos objetivos: formar bons leitores, e que tenham também o domínio da fala e da escrita. Não tenho uma resposta pronta para tal pergunta, mas espero que as próximas gerações consigam encontrá-la, ou chegar o mais próximo possível dela.

O pobre e o intelectual

FERNANDO LÚCIO DE OLIVEIRA

Um Intelectual disse certa vez que os homens nascem para a liberdade. Fez um discurso longo e apaixonado, citou livros e artigos, protestou. Os cabelos grisalhos, as mãos, os óculos, os sapatos que percorreram mundos, tudo no homem era autoridade, e respeito, e prestígio e oratória.

As pupilas levemente maiores de quem ouvia davam ao discurso um tom crescente de transformação, algo como um grande estouro iminente. No meio da plateia, o Homem Pobre. Vindo de longe, roupa simples, tímido. Ouviu tudo, pegou alguma coisa e ficou pensando no que era seu.

A universidade era pra ele; a ciência, o curso, a pesquisa, dele; a paga do seu suor era dele, o Intelectual vivia pra ele.

O pobre homem resolveu pedir: organizou com outros homens pobres um grupo de luta pelos direitos e foi correr atrás do que era seu. Perguntou ao Intelectual:

– Que faço?

A resposta, aprazível:

– Vamos juntos.

Conversaram como grandes amigos sobre como aquilo tudo era público.

Saiu de lá brilhando os olhos, rindo. Disse aos seus:

– É tudo nosso, quem quer?

Uns o chamaram de iludido, tolo. Outros comemoraram:

– Moisés! Líder!

Pediu a jornais, pediu a governos, enquanto diziam:

– Ele não quer.

Onde já se viu pobre pedir algo? Foi trabalhar, tentando esquecer tudo. De tanto pedir, cansou: quis tomar. Olhou em volta: preso ao seu destino? Querendo o que é seu, perdeu o que tinha... lá fora, o mundo girava, ele inerte.

Um advogado quis defendê-lo. Voltou a falar sobre seus direitos, defendeu o pobre como um amigo, deu entrevista, malhou o sistema. A mídia brincou e vendeu notícias. O povo riu no trem para o trabalho. Os governos inventaram reformas. O pobre ficou no mesmo lugar.

Alguns anos depois e bem mais velho, o Homem Pobre voltou à cidade. Ela continuava bem distante de ter o que a universidade tinha. O Intelectual progrediu no cargo. Faz jus, agora, a salário maior. E vai palestrar na próxima terça, no mesmo local, sobre o Homem Pobre...

A escola do jornal

GRAZIELE SOARES

Domingo à tarde, Juan entra em casa correndo e me pergunta se posso ensinar o seu dever. Digo que sim e ele corre para pegar o caderno de casa. Caderno da Liga da Justiça. Eu que comprei, como compro todos os anos desde que ele frequentava a creche. A gente senta à mesa da casa da vó Mazé e ele diz:

– É esse aqui, ó.

Pego o caderno e leio o enunciado.

– Juan, a professora disse o que é dissílabo, trissílabo ou polissílabo?

Ele balançou a cabeça negativamente. Tornei a perguntar se ela não tinha explicado o que era, para assim passar o dever de casa.

– Ela sempre passa o dever pra casa se a turma não fica quieta.

Assenti, pegando novamente o caderno para ler o enunciado mais uma vez. Juan pegou o lápis e disse que sabia separar as sílabas – esta era uma parte do enunciado.

– CA-DEI-RA. Essa tem uma, duas, três. São três.

Peguei o caderno dele e rabisquei na folha ao lado. Numa linha: “DISSÍLABO – 2 SÍLABAS”; na linha abaixo: “TRIS-

SÍLABO – 3 SÍLABAS”; na seguinte: “POLISSÍLABO – 4 OU MAIS SÍLABAS.” Olhei pra ele e disse:

– Cadeira. Você já disse que são três, qual o nome que vai receber? Olha aqui a listinha para você dizer qual palavra corresponde à de três sílabas.

– TRIS-SÍ-LA-BO. Trissílabo são três.

– É isso aí, Juan. A gente vai seguir esse padrão em todas as outras, tá?

Todas as vezes que ensino o dever ao Juan percebo que não há nada além de um padrão a ser seguido e uma atividade mecanizada a ser feita. Me recordo de que eu também fazia esses mesmos exercícios, não lembro se na mesma série em que ele está agora (o segundo ano, antiga primeira série), mas lembro que fazia. Acredito que isso não só aconteça porque ele estuda no mesmo colégio em que estudei, mas porque é isso que é ensinado. Sempre.

Atualmente, como estudante de uma licenciatura, percebo que o ensino como ato político contribui para a criação de um muro no qual de um lado estão as pessoas que têm acesso a uma educação crítica e do outro, pessoas que têm acesso a uma educação que aliena, contribuindo para a manutenção desse automatismo que é necessário para a grande maioria dos setores do mercado de trabalho, mas não pra vida em sociedade.

Seguimos fazendo o exercício, Juan separando as palavras, contando as sílabas e olhando a listinha. Veio a palavra TELEFONIA. Ele separou.

– TE-LE-FO-NI-A. São uma, duas, três, quatro, cinco. Cinco! Cinco não tem palavra para colocar.

– Olha aqui – aponte para a lista do caderno. – Quatro ou mais. Qual número vem depois do quatro?

Ele pensou um instante e disse:

– Vem o cinco. Depois do quatro, cinco. Então é polisílabo, igual ACABADO. ACABADO tem quatro, olha só: A-CA-BA-DO.

Eu ri e balancei a cabeça sinalizando que ele estava certo.

Depois que acabou todas as seis palavras do exercício, ele disse que se a tia da escola tivesse falado que era só contar as sílabas para colocar as palavras, ele teria feito na aula, e em casa ia brincar e ver desenho. Eu disse que a tia passa dever para casa para que a criança treine mais um pouco o que ela passou na aula. Ele ficou olhando e perguntou se na minha escola a tia também passava dever de casa para os alunos treinarem. Eu ri e disse que na faculdade somente alguns professores passavam algum tipo de exercício para ser feito em casa.

– A maioria passa coisa para que a gente leia.

Ele perguntou se é por isso que eu vivo rabiscando um monte de papel. Eu disse que sim. Contei que quando não estou rabiscando os textos, estou rabiscando no *tablet*.

– Por isso eu e o Pedro não mexemos mais no *tablet*? Por isso você diz que a gente não pode jogar?

Eu disse que sim.

– A tua escola é aquela do jornal, né?

Fiquei sem entender e questionei:

– Aquela do jornal?

Ele não entendeu o porquê de eu não ter entendido.

– O jornal vive falando que tá tudo parado na altura do Fundão. E vó Mazé disse que você estuda no Fundão.

Finalmente entendi o que ele queria saber e disse que sim, que eu estudava na faculdade que eles falavam no jornal.

“O ensino de algumas escolas também está parado, assim como a Linha Vermelha fica na altura do Fundão”, pensei. Ele perguntou por que não falam da escola dele no jornal também. Eu disse que é porque a escola é pequena, mas se um dia acontecer algo muito importante, eles vão falar dela. Ele disse que não queria que aparecesse a escola dele, porque ele ia crescer e ia estudar no Fundão, porque o Fundão já aparece.

Aquele garoto do jornal

IZABELLE SAVIGNON DE NADAI

Não era exatamente chuva o que ela ouvia, nem passos. Era uma espécie de choro, e de alguém se rastejando pela rua. Numa tarde nublada, caminhava a menina de vestido florido em meio à cidade pequenina onde vivia. Sentia frio, assim como sentia medo do futuro que a esperava. Sabia que desilusões eram necessárias para que a vida valesse a pena. Tinha em sua cabeça um turbilhão de sonhos, e um punhado de realismo. Afinal, sabia que a vida que tinha era provavelmente o que merecia viver. Pegou esse turbilhão de sentimentos e entrou no ônibus.

Da janela acabou vendo uma cena rotineira, mas que naquela hora a fez refletir: um jovem vendendo o jornal do dia. Aparentemente com seus 20 anos, provavelmente sem estudo, de família pobre, que ele sustentava com aquele trabalho tão simples. Daquele quadrado que mostrava o acontecimento, pensou em como as coisas comuns são as que movimentam a vivência do ser humano e o quanto o capitalismo é desigual com as pessoas. Pensou que os mais ricos continuam sendo ricos, com seus celulares e carros do ano, e os pobres continuam

mais pobres, correndo atrás de ônibus, de centavos para comer algo quando voltassem para casa – se não a perdessem numa enchente e morassem de favor em casa de conhecidos – e de uma educação muito precária. Parecia cena de novela das nove, mas naquele momento ela percebeu que a ficção era tão real quanto o ônibus em que estava.

Seu ponto era o próximo. E o rapaz que a fez refletir? Ficara uns quilômetros atrás, mas ela deixara com ele todo o seu sentimento de gratidão e de esperança. Gratidão por tê-la feito pensar nas pequenas atitudes do dia a dia e no quanto ela pode aprender um pouco com cada pessoa que passa ao seu lado. E esperança por esperar que ele seja uma pessoa boa nessa sociedade em que o superior sempre vai tentar destruir o menos favorecido. Afinal, pessoas pensantes são um problema para os governantes.

Naquele momento não havia muito que dizer. Como explicar o que tinha sentido e visto naquele rapaz? Logo ela, a menina do vestido florido novinho, comprado na loja recém-inaugurada da prima e que estudou num dos melhores colégios da Zona Sul do Rio de Janeiro. Desceu do ônibus e caminhou até seu trabalho. Ela vazava inquietação e se perguntava o porquê de aquele jovem estar trabalhando, e não indo para a escola em busca de um futuro melhor para ele e sua família.

Aquela cena mexeu tanto com o seu psicológico que não sabia o que fazer a respeito. Entrou no trabalho e contou o fato à colega, que deu de ombros e começou a falar do quanto estava gastando na sua festa de casamento. “Nossa, como ela pode

pensar isso, com aquele rapaz que nem sabe se voltará para casa com algo para comer?” – pensou. Mas a vida, salivando, lhe fustigou os lombos enquanto gargalhava facas e nódulos. Era o desprezo das pessoas pintado de branco e preto na rotina. Era essa rotina que revolia seu estômago em um contorcer-se interminável. Pois bem, pegou seu material e foi trabalhar.

O rapaz do jornal passou a manhã toda consigo em pensamento. Pegou seus artigos pessoais e resolveu ir embora, tomou o ônibus de volta para casa e pôs-se a esperar a esperança lhe flertar. Esperava encontrá-lo pelas ruas. Sem sucesso, chegou à casa, despiu-se da roupa, mas não da crença de esbarrar, mesmo que pela janela de um ônibus, com o r-a-p-a-z-d-o-j-o-r-n-a-l. Então, pensou que, como o jovem era, aparentemente, sem estudo, ela poderia dar aulas das matérias que lembrava e doar seus materiais escolares para ele e seus parentes.

Acabou o dia. Dormiu com a ideia de ajudar o jovem. O dia seguinte seria igual ao anterior. Pegou o ônibus mais cedo e, portando seus materiais escolares, esperou ansiosamente por encontrar o rapaz. Desceu no ponto anterior ao do seu trabalho e, surpresa, encontrou-o. Calmamente se aproximou e perguntou seu nome:

– Olá, qual o seu nome?

– É José, senhora, por quê? A senhora quer um jornal?

Ela, ansiosa, foi logo questionando:

– Você estuda, José?

– Não senhora, mas queria muito. Sei que o estudo me levaria aos céus, mas preciso ajudar minha família a pôr comida na mesa.

A menina, com um sorriso, explicou que o ajudaria dando-lhe aulas e doando seus materiais. José parecia uma criança que acabara de ganhar o presente tão desejado de Natal. Agradeceu e já queria começar as aulas ali mesmo, naquele momento. A menina combinou os dias e as horas e, como recém-professora, já lhe deu exercícios de casa.

E foi assim que o dia da menina do vestido florido terminou, como no dia anterior: chuva, passos, uma janela de transporte público. E com um jovem que a fez refletir, que mostrou que na vida há desilusões, vitórias, derrotas e que estar triste simplesmente é um estágio para que as coisas possam melhorar, mesmo que você ganhe centavos vendendo jornal em uma manhã chuvosa ou receba de presente a notícia que seu futuro pode melhorar apenas com pequenos gestos como esse, de uma menina que espera um futuro melhor para a sociedade.

Lição de Português

LETÍCIA ELENA LEMOS

Quando o assunto é aula de Português, entre as maiores constatações registradas pelos mais ilustres falantes da língua em questão, há a seguinte máxima: “As crianças de hoje não sabem ler nem escrever”. Assim diz o José, a Ana, o padeiro, o aluno, a vereadora, o brasileiro...

Há ainda aqueles que responsabilizam a internet pela decadência da língua portuguesa. Até mesmo porque nós sabemos em qual estrato as discussões pelo *bem* da humanidade ocorrem. A questão não poderia ser nova. Nossa literatura já considerou referências à la Bilac. Como chegamos a este ponto, então?

Longe de mim querer ultrapassar o consenso da nossa sociedade, mas, no meio de tantas características ou defeitos, nasci com um especial interesse pelos engenhos da língua portuguesa (melhor dizendo, brasileira). Citaria, inclusive, o próprio Bilac: “Amo-te, ó rude e doloroso idioma”, para não dizerem que não falei das flores, ou melhor, “em prol do Estilo”. Por isso, fui levada a examinar a nossa frase-mote como em uma aula de Português. Contudo, ao meu gosto. Acredito que não há nada mais coerente que trazer para as temidas lições de interpretação de texto as falas mais comuns do nosso dia a dia.

Desta forma, o exercício que proponho é o seguinte:

Exercício de Interpretação e Produção Textual

O trecho abaixo foi retirado do diálogo entre Maria Dolores (58), secretária aposentada, e Seu Lourenço (47), dono da banca de jornal, durante a compra de algum jornal em que havia alguma notícia do péssimo desempenho de crianças do Ensino Fundamental em alguma avaliação.

– As crianças de hoje em dia não sabem ler e nem escrever.

– Pois é.”

Com base na leitura do trecho, responda mentalmente às questões a seguir:

O que é ler?

O que as crianças não sabem ler?

O que é escrever?

O que as crianças não sabem escrever?

Quem são essas crianças? Elas têm nome, cor, casa, lápis ou livro? Elas têm WhatsApp?

Quando é “hoje em dia”? É hoje desde quando?

Se fosse “hoje em noite”, as crianças saberiam ler e escrever?

Essas crianças podem ler? Podem escrever?

Quem escolheu o texto que as crianças não sabem ler?

O que as crianças podem ler?

() A Bíblia Sagrada. () Série Harry Potter () Outro

As crianças escolhem o que vão ler e o que vão escrever?

Qual língua essas crianças falam? E qual elas escutam?
Alguma dessas línguas é a mesma que a sua?

O que significa saber ler e escrever?

Pessoas alfabetizadas sabem ler e escrever?

Quem são os interlocutores? Quem se importa?

O problema está nas crianças?

É falta de porrada ou falta de cuidado?

É falta de acesso ou falta de vontade?

Quem é o responsável pela constatação? Você gostaria de
culpar alguém?

Você soube ler as perguntas até aqui?

Você sabe escrever as respostas para estas perguntas?

A sociedade poderia ser lida?

As crianças não sabem mesmo?

Você, em algum dia, soube ler?

Sobre um gabarito, ainda não considere respostas possíveis. De toda forma, espero que lições como essa possam dar um descanso à Mafalda, ao Calvin, ao Haroldo...

Souza Lima colorida

RODOLFO WILLIAMES

Um homem negro de pele clara – chamariam provavelmente de moreno, passando ele pelo crivo do olhar popular, sempre a evitar o preto, e talvez ele mesmo assim se sentisse – encontrava-se sentado em uma das cadeiras de um tradicional barzinho da rua Souza Lima, em Copacabana. A rua fica ao pé da subida do Cantagalo. Conversavam no local o negro moreno, chaveiro antigo na região, e uma conhecida sua, de pé à sua frente. Ela era uma negra de cor menos clara que a dele, de um tom marrom – diriam, sem dúvidas, tratar-se de uma mulata, e talvez ela assim se sentisse. Um negro preto encontrava-se na cena, o dono do quiosque de flores que ficava ao lado do quiosque do chaveiro negro moreno, quase de frente para o bar. Todos do ambiente pareciam se conhecer.

Quando meu padraсто e eu chegamos, quem conversava eram os dois negros não pretos, o negro moreno e a negra mulata. O chaveiro era o mais falastrão, sentado com as mãos sobre a mesa, descontraído, com a boca solta e descontrolada a tagarelar. O negro preto mantinha-se quieto, olhando o movimento da rua, sentado em um banco, encostado no muro frente às suas flores. Eu, o amarelo, observava o branquelo do meu padraсто, um paraibano que ri de toda superfície que lhe

pareça engraçada e que chegara cumprimentando todos. Ele é porteiro do prédio ao lado do bar, diametralmente oposto ao banco em que o negro preto ficava sentado.

Meu padrasto foi bem recebido, com muito carinho, principalmente pelos dois dos quais se aproximou para prostrar, após dar um “alô!” para o negro preto. O chaveiro era tão carinhoso e preocupado: perguntou-lhe se tinha melhorado da doença. Tivera minha mãe que buscá-lo um dia desses em uma rua: caíra cagado e mijado, com pressão nas alturas, e precisou, de imediato, da ajuda de alguns negros pretos que passavam pelas ruas do Engenho de Dentro, num dia fodido pra ele. O negro moreno era muito carinhoso, parecia ser daqueles amigos preocupados, para toda hora. E a conversa demorava entre os três: meu padrasto de riso frouxo, a negra mulata, sorriso lindo, e o negro moreno que falava rindo, mesmo quando sério.

Eu estava já cansado daqueles três, juntos a dialogar em torno daquele mundo diminuto em que pareciam conviver há anos na Rua Souza Lima. Encontrava-me também exausto do dia de estudo da noite anterior. Maldito livro *Casa-grande e senzala*, maldito porque denso: cansa o raciocínio. E que autor danado que quis ser historiador, antropólogo e cientista em uma análise só. Tive que acelerar a leitura difícil e fazer um filtro de tudo que hoje já é obsoleto, um pedido do meu orientador. Joguei fora todo cientificismo bisonho que para nada mais nos serve, senão para causar espanto. Teria ainda na mesma tarde um encontro para debater os efeitos da escravidão em nossa estrutura social. Sabia que o orientador seria exigente, e a

estrutura histórica das relações e posições sociais, expressas no livro, ele me cobraria com rigidez, para ver se constataríamos efeitos delas em nossas anomalias de hoje.

Tive bônus após o ônus da leitura difícil. Vi no livro relatos históricos incontestáveis, que resistem com vigor ao tempo: um país escravocrata e de homens brancos que tratavam negros como mercadoria para trabalho, e mulheres, além do trabalho, como vacas reprodutoras, estupradas desde os 13 anos em proveito do sistema em que se vivia; pele de negro como sinônimo de coisa negativa, relacionada a doenças e à inferioridade, como uma coisa ruim etc.

Chega do torpe, que fique essa leitura só para mim. Se resolvi estudar o asco “passado”, então que eu padeça sozinho, e não te enoje da podridão que me entra e corrói. Mas quem sabe a contemporaneidade já não esteja melhor! Encontraria o orientador mais tarde...

Dada a contextualização de cena e de meu estado de espírito, digo logo o ocorrido: aqueles três estavam conversando sobre doença, motivados pelo acontecimento com meu padras-to, que havia caído no chão cagado e mijado no seu dia fodido. E o chaveiro negro moreno danou-se a falar de um determinado amigo ali das redondezas que teve uma crise por causa de diabetes. Estava irritado por não conseguir informações precisas sobre o estado de saúde do conhecido, pois:

– Aquela porra daquela preta que é mulher dele, toda vez que a gente pergunta alguma coisa, ela responde cheia de grosseria, com quatro pedras na mão. – E continuou, raivoso: – Vou

te falar uma coisa rapaz: preto é foda! Ô raça filha da puta essa porra de preto!

A negra mulata, descontraída, e num falar descompromissado:

– Olha que te processo, hein... – e soltou seu sorriso lindo.

Meu padrasto, de riso frouxo, banguelo, deu aquela risada, tendo ouvido e visto no horizonte algo como uma piada das antigas. Colocou a mão na cabeça careca, e bradou:

– Eita... hahahaha, mas tu é um porra doida mesmo! – o pobre coitado tinha que se segurar quando gargalhava, porque a tremedeira das pernas frágeis poderia derrubá-lo.

Tudo foi muito rápido naquele trecho de conversa, e o negro moreno emendou gritando, indignado:

– E eu vou dizer mais rapaz, vou dizer: preto... preto não é gente, essa raça não presta!

Após a conclusão do chaveiro, o negro preto, que estava lá no canto absorto, despertou, num átimo, com esse último falar do colega e disse:

– É gente sim, preto é gente! – contrapôs com sorriso, cordialmente... No rosto e na voz, a aceitação resignada de uma “graça” evidenciava-se.

– Ihh!! Olha ele ali! Tá só vigiando a conversa da gente... – retrucou o negro moreno, que a vergonha pintou de um amarelo sem graça. – Vem pra cá, ô filho da puta, e para de ficar aí igual a um fantasma – finalizou o falastrão.

A boca banguela de meu padrasto não queria fechar. A cara branca ficava vermelha com a “graça” que seus colegas faziam.

Alguns homens brancos da redondeza, os velhos “ricos” ali do bairro, alguns do prédio de cima, de longa genealogia, mas já desnutridos do que possuíram um dia, comiam, ao fundo, a gordurada frondosa do bar, acompanhada de cerveja, indiferentes ao que era dito à margem do ciclo decadente de suas mesas. Mas eu os olhava. Eles nem me viam, ainda que eu estivesse com testa franzida e olhar fulminante. Estavam de costas.

Depois, saí com meu padrasto para entrar na portaria do prédio. Dali, em seguida, eu iria ao encontro do professor na faculdade, enquanto meu padrasto iria, após uma conversa com a síndica, para casa. Trouxera-o ao seu trabalho para uma conversa com a síndica sobre a doença – caíra no chão cagado e mijado. Era sobre a sua doença, e com a síndica do prédio.

Mas no fim de tudo, doenças rondavam minha cabeça.

E eu já estava confuso!

Casa-grande e senzala: muito teríamos, eu e o professor, a falar sobre o Brasil colonial e os efeitos que deixou em nossas vidas. Mas aquela cena na Rua Souza Lima se sobrepôs a tudo que li. Eu não a vi no livro como um vaticínio de Freire. O autor na verdade era otimista em relação ao futuro...

Contradições na educação

LUANA SOARES DE OLIVEIRA

Nas grandes cidades como São Paulo, além dos elementos de praxe, como os grandes arranha-céus, a violência, indústrias, empresas, carros e poluição, existem também muitas escolas... Esses estabelecimentos de ensino ajudam a compor o cenário de uma cidade manchada pelas garras do sistema econômico em que está inserida. Essas escolas, que integram parte da engrenagem da sociedade, na maioria das vezes têm suas paredes revestidas de feições tristes e frágeis. Suas estruturas são debilitadas e franzinas em comparação com o esmero das grandes construções, bem mais reconhecidas.

Todos reconhecem a importância e o valor dessas escolas, da educação, mas, ainda assim, permanece certa apatia das pessoas, ou mesmo da sociedade, quando, numa mesa de bar ou em qualquer outro lugar onde se encontrem desconhecidos, alguém se intrometa a dizer que é professor de uma escola, por exemplo. Sejam municipais, estaduais, federais ou particulares, as cidades estão repletas delas, e a estranha contradição permanece. Afinal, se a educação é um aspecto tão importante

da sociedade, como é possível que exista tanta hostilidade em relação a ela?

Nas ruas desses grandes centros urbanos, cada vez mais as pessoas se dirigem ou passam por diversas escolas e, certamente, não refletem sobre sua real valia. O discurso dos governantes, que na maioria das vezes aparenta ser irônico mesmo, tendo em vista a concretude da situação da educação e dos educadores no Brasil, não somente nos centros urbanos, mas também nos ambientes rurais, parece ser quase que abstrato e esvai-se cada vez mais nas veredas dessas avenidas como se fossem vazios de alguma relevância... Parece que há, portanto, um grande paradoxo que sobressai do discurso abstrato dessas pessoas que compõem o poder administrativo das cidades, que se contrapõe radicalmente com a concretude da realidade dessas escolas.

As pessoas que perambulam pelas cidades reconhecem as mesmas escolas que discriminam. Vangloriam os mesmos professores e profissionais da educação que hostilizam. Os arranha-céus enaltecem e agridem as mesmas escolas de que precisam. A própria cidade eleva e reprime as escolas de que muito necessita. Em meio a tantas sérias contradições se torna inevitável, pelo menos, não pensar em lutar pelas escolas brasileiras...

FONTE Adobe Garamond e Bebas Nue

PAPEL Polén 80

IMPRESSÃO Letras e Versos

COMO PROFESSOR DE ESCOLA PÚBLICA, FORMADO PELA MESMA UNIVERSIDADE DOS ALUNOS-CRONISTAS, SINTO MUITO ORGULHO EM VER FUTUROS COLEGAS DE PROFISSÃO COM OLHARES CRÍTICOS E ATENTOS PARA A REALIDADE ESCOLAR, OLHARES AFETIVOS, MAS NÃO INGÊNUOS, COM VONTADE DE FAZER DIFERENTE, DE PROPOR MUDANÇAS. RECORRENDO A UM FAMOSO DIZER DE PAULO FREIRE, “SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA”. PORTANTO, SE, OBTIVAMENTE, NÃO HÁ COMO SABER OS FUTUROS CAMINHOS QUE SERÃO TRILHADOS PELOS AUTORES DESTAS CRÔNICAS, HÁ, NAS REFLEXÕES AQUI APRESENTADAS, COM CERTEZA, UM BOM PONTO DE PARTIDA. BOA LEITURA A TODOS!

DIEGO DOMINGUES

GRADUADO EM LETRAS (UFRJ),
MESTRE EM EDUCAÇÃO (UERJ-FFP)
E DOUTORANDO EM LINGÜÍSTICA APLICADA (UFRJ).
ATUALMENTE É PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA REDE MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS (RJ).

 **Desalinho**

ISBN 978-85-92789-28-2



9 788592 789282